



# Pequenos Notáveis



Parte 3

**Eduardo Paes**

Prefeito do Rio de Janeiro

**Claudia Costin**

Secretária Municipal de Educação – SME

**Cleide Ramos**

Presidente da Empresa Municipal de  
Multimeios – MultiRio

**Lucia Maria Carvalho de Sá**

Chefe de Gabinete

**Marinete D'Angelo**

Diretora de Mídia e Educação

**Sergio Murta Ribeiro**

Diretor de Administração e Finanças

# Pequenos Notáveis

---

Série televisiva: textos complementares



**MULTIRIO - Empresa Municipal de Múltiplos Ltda.**

Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ • Brasil • CEP 22260-210  
Central de Atendimento ao Cidadão: 1746 • Fora do Rio: (21) 3460-1746 • Fax: (21) 2535-4424  
[www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br) • [ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br](mailto:ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br)



## Sumário

<b>Introdução</b> .....	05
<b>Gilberto Gil</b> .....	07
<b>Milton Nascimento</b> .....	19
<b>Gonzaguinha</b> .....	31
<b>Dolores Duran</b> .....	41
<b>Ary Barroso</b> .....	53
<b>Créditos das imagens</b> .....	63



## Introdução

A série televisiva *Pequenos Notáveis*, voltada principalmente para crianças e adolescentes, aborda a vida e a obra de 15 grandes compositores da MPB, com ênfase na infância de cada um. Os programas mostram como o ambiente em que eles viveram, a família e a escola influenciaram suas vocações e contribuíram para que se tornassem, mais tarde, grandes mestres da nossa música.

O formato da série mescla dramaturgia, música, animação e efeitos de computação gráfica. Os atores Amanda Ramalho e Iwin Monã e o cantor e instrumentista Alfredo Del-Penho visitam os locais onde os artistas nasceram, os lugares que frequentaram, as escolas em que estudaram, os cantos e recantos de que mais gostavam em nossa cidade.

Em estúdio, a cantora, apresentadora e idealizadora da série Joyce Moreno, junto com Alfredo, canta os maiores sucessos desses compositores e conta casos e curiosidades sobre eles, em meio a um cenário com fotos, cartazes, capas de discos e outras referências musicais e históricas.

Os homenageados nos programas são: Noel Rosa, Dona Ivone Lara, Dorival Caymmi, Braguinha e Luiz Gonzaga (*Pequenos Notáveis*, parte 1); Pixinguinha, Lamartine Babo, Vinicius de Moraes, Tom Jobim e Chico Buarque (*Pequenos Notáveis*, parte 2); e Gilberto Gil, Milton Nascimento, Gonzaguinha, Dolores Duran e Ary Barroso (*Pequenos Notáveis*, parte 3).



# Gilberto Gil

www.gilberto.com

*Eu tinha 4, 5 anos e projetava meu olhar para além das montanhas que cercam a cidade. Imaginava: pra lá está o resto do mundo. E eu queria sempre ir para atrás dos montes.*

Gil, no documentário *Tempo Rei – Especial 30 Anos*, de Andrucha Waddington





1. Em turnê no Japão no começo dos anos 1990

José Gil Moreira e Claudina Passos Gil Moreira viajaram de Ituaçu, onde moravam, até Iitororó, para o nascimento do primeiro filho do casal, Gilberto Passos Gil Moreira, em 26 de junho de 1942. “Sou filho de um médico e de uma professora. Talvez por essa criação, cultura ou índole mesmo eu tenha sido uma criança muito comportada. Comportada até demais”, diria Gil em depoimento ao Museu da Imagem e do Som (MIS) em 2012.

*Ituaçu (com cerca de 900 habitantes, segundo o Censo de 1950) fica no semiárido da Bahia, ao pé da Chapada Diamantina, a 470km de Salvador.*



2. O menino Beto aos 3 meses de vida

Segundo D. Claudina, quando perguntavam ao Beto (apelido do menino) o que ele gostaria de ser quando crescesse, respondia:

“*Musguêro* e pai de menino”. E não é que foi mesmo? Além de passar a vida fazendo música (*musga*, como falava), seria pai oito vezes.

“Poucas casas tinham rádio em Ituaçu; uma delas era a nossa”, Gil contou ao programa *Ensaio*, da TV Cultura, em 2006, lembrando que gostava de ouvir os programas com Bob Nelson, Ângela Maria, Nora Ney e Luiz Gonzaga, além das canções que sua mãe cantolava, entre elas, a marchinha *Touradas em Madri*, de Braguinha e Alberto Ribeiro. A família não tinha vitrola, e ele escapulia para as casas dos comerciantes importantes da cidade, que tinham o aparelho, e, assim, se deliciava com os discos que encontrava.

Em uma cidade tão pequena, sua curiosidade era estimulada, além do rádio, pelas revistas que traziam “notícias de outras terras”, outros cantos, outros costumes. “A manteiga Constelação, que vinha de Minas; o presunto que vinha da Europa; o azeite doce de Portugal, da Espanha... Foram as minhas primeiras sensações de mundo”, relatou no documentário *Tempo Rei – Especial 30 Anos*, dirigido por Andrucha Waddington.

O filme mostra Gil voltando a Ituaçu pela primeira vez depois que deixou a cidade para morar em Salvador. “Não mudou nada! As galinhas na rua, as amendoieiras...” Ao visitar a casa onde morava, na Rua de Baixo, lembrou as festas que aconteciam ali,

especialmente as juninas, já que seu aniversário era comemorado em meio a bandeirinhas, quadrilhas e fogueiras. Lembrou o dia de Nossa Senhora do Alívio, padroeira da cidade, com seus andores e imagens de santos que serviram de inspiração para a música *Procissão* (de 1964, gravada em 1965).

*Olha lá, vai passando  
A procissão, se arrastando  
Que nem cobra pelo chão*

## Mudança para Salvador



3. Os irmãos Gildina e Gilberto

Em 1951, Beto e a irmã foram morar com uma tia em Salvador, para seguir com os estudos. O que seria o curso primário foi ensinado por Dona Lidu (tia de seu pai): “Nossa escola foi em casa, entre as panelas e os artesanatos dela”, revelou ao MIS. Na capital, ingressou no Colégio Nossa Senhora da Vitória. Começou, também, as aulas de acordeom, vindo a se formar no instrumento, com diploma e tudo, aos 14 anos.

“Luiz Gonzaga foi meu primeiro grande ídolo. Eu estava com 4 para 5 anos quando ele gravou os primeiros discos”, contou em

vídeo para o Acervo Digital Gilberto Gil no Instituto Antônio Carlos Jobim. “*Baião, Xamego, Dança da Moda, Boiadeiro...* São as lembranças musicais que guardo da época em que fui morar em Salvador. Época em que Luiz Gonzaga já era um nome estabelecido nacionalmente.”

Com o acordeom, Gil se apresentava no programa *A Hora da Criança*, da Rádio Sociedade da Bahia, em que ficou conhecido como o Beto do Acordeom.

## A bossa nova

A gravação de João Gilberto para *Chega de Saudade* (de Tom Jobim e Vinicius de Moraes) foi impactante para os artistas da época. Gil definiu sua “primeira vez” diante do som, da voz e do violão de João como “um choque”. E migrou do acordeom para o violão, com o qual compôs as primeiras canções. Já influenciado pela bossa nova, participou do conjunto Os Desafinados, apresentando-se até 1961 em festas e bailes em Salvador.

Os estudos continuavam, agora na Faculdade de Administração de Empresas na Bahia. Fez, também, um concurso público, sendo nomeado fiscal da alfândega, cargo em que trabalhou até 1964, quando também concluiu a universidade. Ao mesmo tempo, compunha e gravava *jingles*, além de se apresentar no quadro Show dos Novos, do programa *JS Comanda o Espetáculo*, na TV Itapoã. Foi pela JS Discos que saiu sua primeira música gravada: *Bem Devagar*, pelo vocal As Três Baianas (futuro Quarteto em Cy), que ele acompanhou ao acordeom.

Em 1962, concluiu *Felicidade Vem Depois*, que considera sua primeira composição, isto é, uma música com princípio, meio e fim, diferentemente dos esboços inacabados que tinha feito no violão ou no acordeom. No mesmo clima joão-gilbertiano (harmonia, canto intimista, violão-tamborim), seria gravada dez

anos depois. “Sem dúvida alguma, era para imitar a bossa nova, para mostrar a mim mesmo que eu tinha absorvido aqueles códigos e que aquele modelo se diferenciava do que havia antes”, relatou no livro *Gilberto Gil – Todas as Letras* (Companhia das Letras/1996, organizado por Carlos Rennó).

## Encontro com Caetano

Os primeiros discos, o LP *Gilberto Gil: Sua Música, Sua Interpretação* e um 78 rotações, datam de 1963, mesmo ano em que foi apresentado a Caetano Veloso, que contou em entrevista a Almir Chediak para o *Songbook Caetano Veloso*: “Eu já conhecia o Gil da televisão, ele era meu ídolo. Cantava e tocava as harmonias de bossa nova. Um dia, em 63, eu ia andando pela Rua Chile e o Roberto Santana vinha de lá, com o Gil. Aí, nos apresentou. (...) Ficamos imediatamente amigos mesmo, muito amigos. Foi muito rápida a coisa de a gente gostar um do outro”.

Com o próprio Caetano, Bethânia, Tom Zé e Gal, Gil participou (como cantor e diretor musical) do show *Nós, por Exemplo*, em 1964, que inaugurou o Teatro Vila Velha, em Salvador. Nesse teatro, fazia seu primeiro show solo, *Inventário*, dirigido por Caetano (1965).



4. A noite da formatura, ao lado da noiva Belina, dos pais (à direita) e outros familiares

Ainda em 1964, casou-se com Belina Aguiar e mudou-se para São Paulo, onde foi trabalhar na Gessy Lever. Pouco antes da mudança,

compôs *Eu Vim da Bahia*, que define como um misto de samba-exaltação e necessidade de antecipar o que sentiria vivendo longe de sua terra natal.

*Eu vim da Bahia cantar  
Eu vim da Bahia contar  
Tanta coisa bonita que tem  
Na Bahia, que é meu lugar*

Na Gessy Lever, estava sendo preparado para assumir um cargo na diretoria. Na noite paulista, especialmente nos bares Redondo e Bossinha, se apresentava regularmente. E foi no Juão Sebastião Bar que conheceu o futuro amigo e parceiro Chico Buarque.

Ainda em 1965, lançou seu primeiro compacto, com *Procissão* (de sua autoria) e *Roda* (parceria com João Augusto), e participou, pela primeira vez, de um festival, na Universidade Mackenzie, com a música *Iemanjá* (dele e de Othon Bastos). No teatro, integrou os espetáculos *Arena Conta Bahia* e *Tempo de Guerra* (ambos dirigidos por Augusto Boal).

Em meados de 1966, deixou a Gessy Lever para viver de música, participando, principalmente, do programa *O Fino da Bossa*, apresentado por Elis Regina na TV Record. Foi quando mudou com a mulher e a filha recém-nascida, Nara, para o Rio de Janeiro. No mesmo ano, disputou o 1º Festival Internacional da Canção (TV Rio), com *Minha Senhora* (parceria com Torquato Neto) e o 2º Festival de Música Popular Brasileira (TV Record), com *Ensaio Geral* (5º lugar).

## Surge a Tropicália

O nascimento da segunda filha, Marília, a separação de Belina, a união com a cantora Nana Caymmi e a contratação pela TV Excelsior para fazer o programa *Ensaio Geral* marcaram o início de 1967, quando lançou o primeiro LP: *Louvação*, com a música-título e sucessos como *Procissão* e *Ensaio Geral*.

Nesse mesmo ano, o contato com as bandas de pífano em Caruaru e o LP *Sargent Peppers Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles, incentivaram o que ele chamou de “sensação de compromisso com a ideia de transformação”. Ao retornar ao Rio, trouxe a proposta de fazer uma nova música popular que rompesse com as fronteiras tradicionais: “Precisamos juntar a banda de pífanos com os Beatles!”. Estava dado o primeiro passo para o movimento tropicalista.



5. Gil no Festival de Música da Record, em 1967

No palco do 3º Festival de Música Popular Brasileira da TV Record (1967), acompanhado do grupo de rock Os Mutantes (Rita Lee, Arnaldo Baptista e Sérgio Dias), apresentou *Domingo no Parque* (2º lugar, trecho a seguir), e Caetano defendeu *Alegria, Alegria* (4º lugar). Os cabelos fartos, encaracolados, as roupas supercoloridas e um som totalmente novo demonstravam que, definitivamente, a música brasileira não seria mais a mesma. E isso só para começo de conversa.

*O rei da brincadeira, é José*  
*O rei da confusão, é João*  
*Um trabalhava na feira, é José*  
*Outro na construção, é João*

Em maio de 1968, saiu o LP *Gilberto Gil*, tendo *Domingo no Parque* como destaque. Em julho, o disco coletivo *Tropicália ou Panis et Circenses* reuniu Caetano, Os Mutantes, Tom Zé, Nara Leão, Torquato Neto, Capinan, Gal e o próprio Gil, que entrou com cinco composições: *Panis et Circenses* (trecho abaixo), *Lindoneia* e *Batmakumba* (ambas em parceria com Caetano), *Miserere Nobis* (com Capinan) e *Geleia Geral* (com Torquato), esta última uma espécie de manifesto tropicalista, como a canção *Tropicália*, de Caetano.

*Eu quis cantar*  
*Minha canção iluminada de sol*  
*Soltei os panos*  
*Sobre os mastros no ar*  
*Soltei os tigres*  
*E os leões nos quintais*

Em outubro, estreou na TV Tupi, de São Paulo, o programa *Divino, Maravilhoso* (ao vivo), comandado por ele e Caetano e do qual participavam Jorge Benjor, Os Mutantes, Gal Costa, o conjunto Os Bichos e convidados.



6. Gil, Caetano, Gal, Jorge Benjor e Os Mutantes no programa *Divino, Maravilhoso* (1968)

No Festival Internacional da Canção daquele ano, Caetano, com *É Proibido Proibir*, e Gil, com *Questão de Ordem*, foram vaiados na eliminatória paulista. Caetano reagiu com

um discurso inflamado contra a plateia e contra o júri, que está devidamente registrado no compacto simples *É Proibido Proibir*.

## Prisão e exílio

O ano terminou com as prisões de Gil e Caetano, que durariam até fevereiro de 1969. Depois de soltos, os dois seguiram do Rio para a Bahia, e, ainda no avião, Gil compôs *Aquele Abraço* (trecho a seguir), que viria a ser uma de suas canções mais executadas.

*O Rio de Janeiro continua lindo  
O Rio de Janeiro continua sendo  
O Rio de Janeiro, fevereiro e março  
Alô, alô, Realengo, aquele abraço*

Em março, casou-se com Sandra Gadelha (irmã de Dedé, mulher de Caetano) e, com ela, viajou para o exílio em Londres. Antes de partir, deixou gravadas as vozes e as bases para seu terceiro LP solo, *Gilberto Gil* (uma das faixas é *Aquele Abraço*), e fez um show de despedida, com Caetano, em Salvador. A gravação do show junto com a de outras apresentações pelo Brasil sairia em 1972, no disco *Barra 69 – Caetano e Gil ao Vivo na Bahia no Teatro Castro Alves*.



7. Gil e seu violão, no exílio, pelas ruas de Londres

Seu terceiro filho, Pedro, nasceu na capital inglesa. Com Sandra, teria ainda as meninas Preta e Maria. Nesse tempo de exílio, ele se apresentou em alguns países da Europa, continuou compondo e lançou, na Inglaterra, o LP *Gilberto Gil*, com letras em inglês.

## Chegada ao Brasil

De volta ao Brasil, em 1972, trouxe na bagagem canções como *Ladeira da Preguiça*, *Expresso 2222* e *Oriente* (trecho a seguir).

*Se oriente, rapaz, pela  
constelação do Cruzeiro do Sul*

“Da saudade do sul – o hemisfério sul – veio a ideia do Cruzeiro como orientação, como se eu tivesse de me lançar ao mar para redescobrir minha terra”, escreveu no livro *Gilberto Gil – Todas as Letras*.

Em julho, saiu o LP *Expresso 2222*, incluindo regravações, como *Chiclete com Banana* (Gordurinha e Almira Castilho) e *O Canto da Ema* (Ayres Viana, Alventino Cavalcante e João do Vale). O disco trouxe, também, o rock *Back in Bahia* (trecho a seguir), espécie de canção do pós-exílio, em que ele descreve sensações vividas fora do Brasil.

*Mar da Bahia  
Cujo verde vez em quando  
Me fazia bem lembrar  
Tão diferente  
Do verde também tão lindo  
Dos gramados campos de lá*

## Cálice ou cale-se?

De volta ao Brasil, a maratona de shows continuou. Em um deles, o *Phono 73*, que reuniu vários artistas no Anhembi, em São Paulo, a dupla Gil e Chico interpretou diversas canções até chegar a *Cálice*, quando os

microfones foram cortados logo no início da apresentação. A música começou a ser criada na Sexta-Feira da Paixão do mês anterior, com o refrão inspirado na “ideia do calvário” e “no pedido de Jesus no momento da agonia”, como relatado em *Gilberto Gil – Todas as Letras*, mas só tomou sentido político depois que Chico percebeu a dupla leitura da palavra “cálice” (“cale-se”).

*Pai, afasta de mim  
Esse cálice  
De vinho tinto de sangue*



8. Com Chico Buarque, no Festival *Phono73*, em São Paulo

Em 1974, Gil lançou dois discos ao vivo – *Temporada de Verão* (show dele com Caetano e Gal no Teatro Vila Velha) e *Gilberto Gil ao Vivo* (no Tuca, em São Paulo) –, além de um compacto com *Preciso Aprender a Só Ser* e *Maracatu Atômico* (Jorge Mautner e Nelson Jacobina). Na vida pessoal, uma grande alegria: o nascimento de Preta. Dois anos depois, nascia outra menina: Maria.

*Gil Jorge Ogum Xangô*, gravado com Jorge Benjor, e *Refazenda*, que inclui, além de músicas do próprio compositor, os clássicos *Lamento Sertanejo* (de Dominginhos) e *Tenho Sede* (Dominginhos e Anastácia), foram os dois LPs lançados por Gil em 1975. Já no ano seguinte, o principal marco em sua carreira é a formação do grupo Doces Bárbaros, que resultou em um LP duplo, com sucessos como *Esotérico*, de sua autoria.

*Não adianta nem me abandonar  
Porque mistério  
Sempre há de pintar por aí*



9. Capa do LP *Doces Bárbaros*

*A temporada de shows dos Doces Bárbaros virou um documentário filmado por Jom Tob Azulay.*

Acompanhado de Caetano, participou do 2º Festival de Arte e Cultura Negra, na Nigéria. O ano de 1977 começou com uma turnê por aquele país, onde passou um mês. A temporada refletiu nas criações do compositor para o disco seguinte: *Refavela*.

*A refavela  
Batuque puro  
De samba duro de marfim  
Marfim da costa  
De uma Nigéria  
Miséria, roupa de cetim*

Depois de *Refavela*, o show *Refestança*, com Rita Lee, também virou disco (1977). Mas o grande lançamento do ano foi *Sítio do Picapau Amarelo* (trecho a seguir), tema da

série de televisão de mesmo nome, baseada na obra de Monteiro Lobato. Durante nove anos consecutivos no ar, a música tornou-se um clássico e continua sendo pedida em suas apresentações até os dias atuais.

*Marmelada de banana  
Bananada de goiaba  
Goiabada de marmelo  
Sítio do Pica-Pau Amarelo*



10. Capa do LP com a trilha do programa *Sítio do Pica-pau Amarelo*

## Nos Estados Unidos

O disco *Antologia do Samba-Choro*, com sucessos como *Acertei no Milhar* (Wilson Baptista e Geraldo Pereira) e *Escurinho* (Geraldo Pereira), foi o primeiro de Gil em 1978. Depois, veio *Gilberto Gil ao Vivo* (o segundo com esse nome), gravado em Los Angeles, para onde a família se mudou. No LP, registros de sua apresentação no Festival de Montreux, na Suíça. Ainda nos Estados Unidos, lançou *Nightingale* (1979) e um compacto com a versão *Não Chore Mais* para o reggae *No Woman, No Cry*, que se transformou em um dos hinos da anistia política no Brasil.

Já no Brasil, conquistou o público com o LP *Realce*, com destaque para a música-título (trecho a seguir), além de *Sarará Miolo*; *Super-Homem, a Canção*; *Toda Menina Baiana*; e sua versão para *Marina* (de Caymmi).

*Realce, realce  
Com a cor do veludo  
Com amor, com tudo*

*Em 1979, Gil assumiu seu primeiro cargo público, na Câmara de Música do Conselho de Cultura do Estado da Bahia, sendo o primeiro negro a ocupar uma das cadeiras daquele conselho.*

## Os anos 1980

A década começou com a separação de Sandra e a união com Flora Giordano, que se tornou, também, sua empresária. Musicalmente, os anos 1980 viriam a ser consagradores, com apresentações pelo Brasil (incluindo os shows com o jamaicano Jimmy Cliff); turnês em países da Europa, nos Estados Unidos, em Israel e no Japão; e a participação no primeiro Rock in Rio (1985).



11. Com Flora Giordano, sua mulher desde 1980

Em dez anos, foram 11 LPs. O primeiro deles, *Luar – A Gente Precisa Ver o Luar*, com a canção *Se Eu Quiser Falar com Deus*, dividindo a preferência do público com *Palco*, saiu em 1981.

*Se eu quiser falar com Deus  
Tenho que ficar a sós  
Tenho que apagar a luz  
Tenho que calar a voz*

Palco surgiu em um momento de crise, quando Gil pensou em deixar a carreira musical. Muito ao contrário, a canção é uma declaração de amor à música, em versos como: Subo nesse palco, minha alma cheira a talco como bumbum de bebê, de bebê. Minha aura clara, só quem é clarividente pode ver.

O álbum *Um Banda Um* saiu em 1982, trazendo *Andar com Fé* (trecho a seguir) – “É uma homenagem ao linguajar caipira, ao modo popular mineiro, paulista, baiano – brasileiro, enfim – de falar”, ele escreveu em *Gilberto Gil – Todas as Letras*. Trouxe, também, *Drão* (sobre sua separação de Sandra), além de uma regravação, que ele considera a definitiva, de *Esotérico*.

*Andá com fé eu vou  
Que a fé não costuma faiá...(x4)  
Que a fé tá na mulher  
A fé tá na cobra coral*

Em 1983, saiu o LP *Extra*, com *Punk da Periferia*, seguido de *Raça Humana* (1984), que trouxe *Tempo Rei* (para ele, um desdobramento da *Oração ao Tempo*, de Caetano Veloso), *Índigo Blue* e o reggae *Vamos Fugir* (parceria com Liminha).

O disco *Dia Dorim, Noite Neon* (1985) teve como carro-chefe *Nos Barracos da Cidade* (ele e Liminha), que Gil definiu como “uma nova *Procissão*”.

*Nos barracos da cidade  
Ninguém mais tem ilusão  
No poder da autoridade  
De tomar a decisão*

*Os 20 anos de carreira foram comemorados em 1985, com uma série de shows, palestras e encontros chamada Gil, 20 Anos-Luz, que foi organizada pelo também baiano Waly Salomão.*

Em 1986, ele ganhou pela segunda vez o Golfinho de Ouro, pelo Museu da Imagem e do Som. Só que, diferentemente de 1970, quando recusou o prêmio, dessa vez foi recebê-lo das mãos de Tom Jobim.

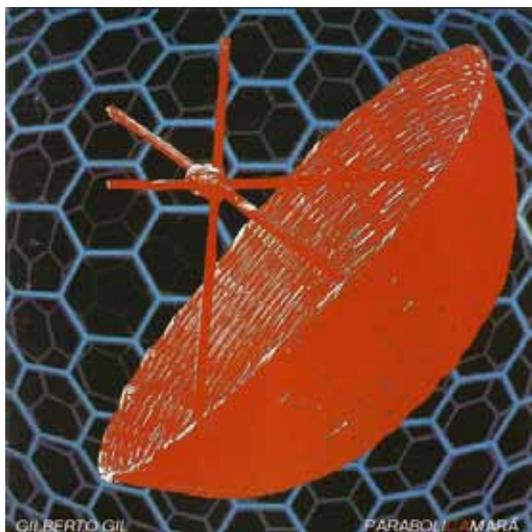
No ano seguinte, quatro discos: *Um Trem para as Estrelas*, com a trilha do filme homônimo de Cacá Diegues; depois, *Gilberto Gil em Concerto* (registros de shows no Copacabana Palace e no Theatro Municipal do Rio); *Gilberto Gil ao Vivo em Tóquio* (lançado no Japão); e *Soy Loco por Ti, América* (lançado nos EUA). Em 1989, saiu o LP *O Eterno Deus Mu Dança*.

Na vida pessoal, mais dois filhos: Bem (1985) e Isabela (1987), ambos com Flora Gil. Na política, tornou-se, em 1987, presidente da Fundação Gregório de Matos (órgão municipal de Salvador responsável pela cultura), de onde se desligaria, um ano depois, quando concorreu nas eleições e ganhou (com a maior votação) uma vaga de vereador na Câmara Municipal de Salvador.

## Alegrias e tristezas

Do PMDB para o PV, em 1990. No mesmo ano, participou de eventos internacionais ambientalistas em paralelo a turnês musicais. Recebeu prêmios importantes: o título de Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras, do Ministério da Cultura da França, e, no Brasil, o Prêmio Shell. Na vida pessoal, a dor pela morte do filho Pedro, aos 19 anos, em um acidente automobilístico; e a alegria com o nascimento do neto João Gil, filho de Nara.

Um show com Tom Jobim, Caetano Veloso, Sting e Elton John, no Carnegie Hall, e a gravação do CD *Afoxé* marcaram uma nova temporada em Nova York (1991). Em família, a morte do pai, José Gil, e a chegada de José, seu oitavo filho, terceiro com Flora.



12. Capa do disco *Parabolicamará*, lançado em 1992

O ano de seu 50º aniversário (1992) começou com o lançamento do disco *Parabolicamará* (trecho a seguir), com sucessos como a música-título, além de *De Onde Vem o Baião* e *Buda Nagô*, homenagem a Caymmi, “o nosso Buda, ocidental, atual, transpreto e transreligioso”, escreveu em *Gilberto Gil – Todas as Letras*. Aconteceram, também, o lançamento de seu *Songbook (volumes 1 e 2)*, turnês internacionais e o término de seu mandato de vereador.

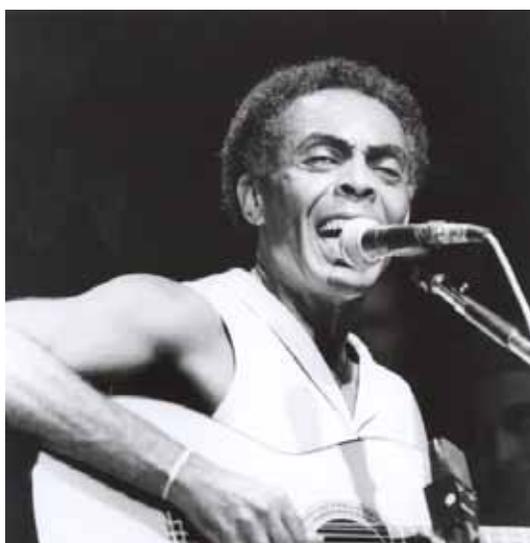
*Antes mundo era pequeno  
Porque Terra era grande  
Hoje mundo é muito grande  
Porque Terra é pequena  
Do tamanho da antena  
Parabolicamará*

## Estreia na internet

Homenageado na noite brasileira do 27º Festival Internacional de Montreux, na Suíça (1993), no espetáculo *Gilberto Gil and*

*Friends*, dividindo o show com Caetano, Chico, Gal, Dominginhos e o Trio Esperança, lançou, em seguida, o disco *Tropicália 2*, com Caetano. No repertório, *Cinema Novo*, *Haiti* e *Desde que o Samba É Samba* (trecho a seguir), entre outros grandes sucessos.

*A tristeza é senhora  
Desde que o samba é samba*



13. Gil em turnê do disco *Tropicália 2*

Em 1994, com Caetano, Bethânia e Gal, foi enredo da Estação Primeira de Mangueira: *Atrás da Verde e Rosa Só Não Vai Quem Já Morreu*. No mesmo ano, lançou *Gilberto Gil Unplugged* (com regravações) em CD e DVD.

Era o governo de Fernando Henrique Cardoso (1995), e Gil ingressou no conselho do programa social Comunidade Solidária, liderado pela primeira-dama Ruth Cardoso. No mesmo ano, recebeu o grau de comendador da Ordem do Rio Branco. No réveillon, dividiu o palco com Chico, Caetano, Gal, Milton Nascimento e Paulinho da Viola, em um grande show na Praia de Copacabana que homenageou Tom Jobim.

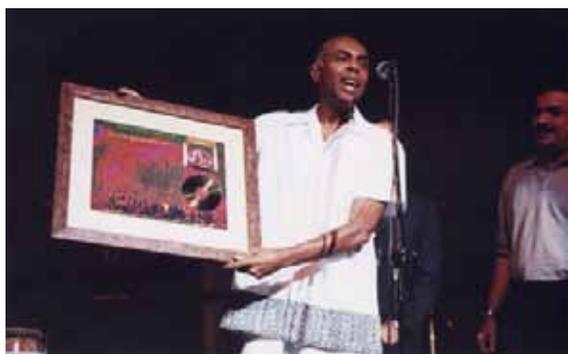
Fez o primeiro show ao vivo de um artista brasileiro transmitido pela internet (1996). Também pela rede, lançou a canção *Pela Internet*, trazendo para sua música a abordagem sobre os meios de comunicação, como

tinha feito em *Essa É pra Tocar no Rádio*, *Cérebro Eletrônico* e *Parabolicamará* e viria a fazer em 2008 em *Banda Larga* (trecho a seguir).

*Diabo de menino internetinho  
Sozinho vai descobrindo  
O caminho  
O rádio fez assim com seu avô*

O CD duplo *Quanta* sucedeu o *single* promocional *Pela Internet* (1997). No disco, regravações de músicas da década de 1950 e composições inéditas, entre elas, quatro homenagens: a João Gilberto (*Um Abraço no João*), a Mário Lago (*O Mar e o Lago*), a Milton Nascimento (*Sala do Som*) e a Tom Jobim (*De Ouro e Marfim*).

No ano seguinte, o show de lançamento do CD virou o disco ao vivo *Quanta Gente Veio Ver*. O compositor se apresentou e recebeu artistas em seu trio elétrico, na Bahia, e fez, em seguida, uma excursão pela Europa comemorativa de 20 anos seguidos de turnês naquele continente. Lançou o *single* *Balé da Bola*, dedicado à Seleção Brasileira, que disputaria a Copa do Mundo na França, e participou de um CD coletivo, *O Sol de Oslo*, gravado na capital da Noruega. Entre suas composições, destaque para *Rep*, com os versos *O povo sabe o que quer/ Mas o povo também quer o que não sabe*.



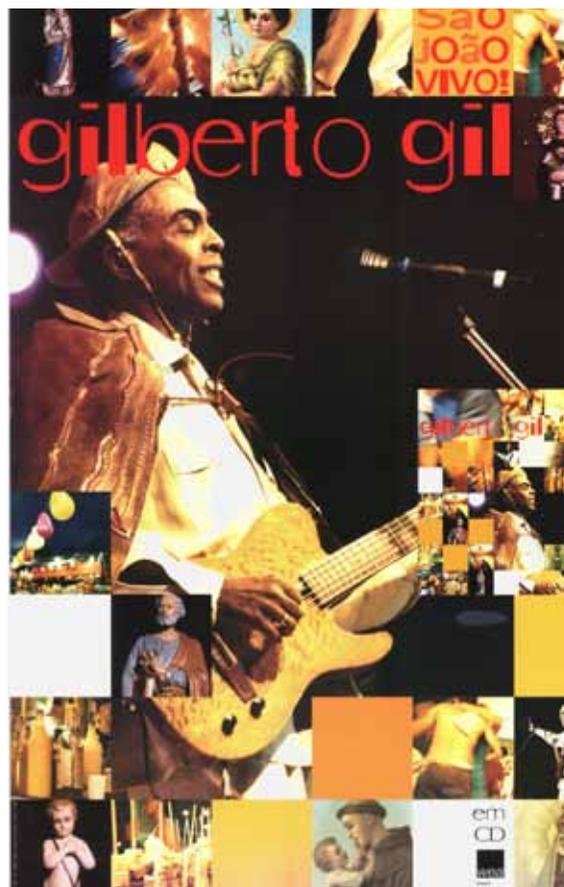
14. O Grammy de 1999 por *Quanta Live*, eleito o disco do ano na categoria de World Music

O Grammy de 1999 na categoria World Music é conferido a ele pelo CD *Quanta Live*, versão para o exterior de *Quanta Gente Veio*

*Ver*. Entre os shows que fez, destacou-se o concerto coletivo *Since Samba Has Been Samba*, com Chico, Caetano, Gal, Elza Soares e Virgínia Rodrigues, no Royal Albert Hall, em Londres.

## Do xote ao reggae

*Esperando na Janela*, de Targino Gondim, Manuca e Raimundinho do Acordeom, gravado no CD *Gilberto Gil e as Canções de Eu Tu Eles*, com a trilha do filme de mesmo nome, foi uma das músicas mais executadas no ano de 2000. Nosso compositor gravou, também, *Gil Milton*, excursionando com Milton Nascimento para divulgar o disco. Com ele, participou da abertura do Rock in Rio 3 (2001) e, logo depois, apresentou-se no carnaval de Salvador com seu trio elétrico, rebatizado de Expresso 2222. Em maio, lançou o CD *São João Vivo!*, com repertório predominante de Luiz Gonzaga.



15. Clipagem do álbum *São João Vivo!*

Um ano depois, saiu o CD *Kaya n' Gan Daya*, com a maioria das músicas assinadas por Bob Marley. Também em 2002, estreou nos cinemas o documentário *Viva São João*, de Andrucha Waddington, em que Gil viaja para mostrar as festas juninas no Nordeste.

## Ministro da Cultura



16. Gil nomeado Ministro da Cultura em 2003

Luiz Inácio Lula da Silva, eleito Presidente da República, convidou Gil para assumir o Ministério da Cultura, cargo em que ele permaneceu de 2003 a 2008.

A carreira musical caminhou junto com a de ministro. Ainda em 2003, ele se apresentou em Nova York, no *Show da Paz*, que aconteceu na sede da Organização das Nações Unidas (ONU). No final, cantando *Toda Menina Baiana*, foi acompanhado no atabaque pelo secretário-geral Kofi Annan. Consagração total! Em setembro, em Miami, recebeu o Grammy Latino como personalidade do ano.

Em defesa do *software* livre, participou do show *Creative Commons*, em Nova York (2004) e discursou no 5º Fórum Mundial Social, em Porto Alegre (2005), em que declarou: “Sou ministro, sou músico, mas sou, sobretudo, um *hacker* em espírito e vontade”.

Mais homenagens se somam a tantas outras: o Prêmio Polar da Real Academia Sueca de Música (2004) e o Prêmio Multishow de Música Brasileira, na categoria Melhor

Música, com *Vamos Fugir*. O CD e o DVD *Eletracústico*, registros do show homônimo no Canecão, datam de 2004 também.

Em 2006, teve dois CDs relançados – *O Sol de Oslo* e *Gil Luminoso*. Compôs o samba *Balé de Berlim*, que, na verdade, é, nada mais, nada menos, que a música *Balé da Bola* (da Copa de 1998) com a letra adaptada para a Alemanha (sede da Copa de 2006).

Uma turnê pelo Brasil e no exterior com o show *Banda Larga* (2007) resultou no álbum *Banda Larga Cordel* (2008), lançado pela internet, sendo o primeiro com músicas inéditas desde 1997. “Estou de volta, me reconciliei com a musa”, disse na entrevista coletiva de lançamento do disco.

E justamente esse retorno, agravado pelo processo de rouquidão que baqueou sua voz, teria influenciado seu pedido de demissão do Ministério da Cultura. Segundo contou a Lázaro Ramos no programa *Espelho* (Multishow), a rouquidão foi causada, em grande parte, pelo falatório em reuniões, discursos, debates, etc.

De 2009 a 2012, saíram CD e DVD do show *BandaDois* (2009), com três composições inéditas – *Das Duas, Uma, Quatro Coisas* e *Pronto pra Preto*; CD e DVD *Fé na Festa*, com temática nordestina (2010); CD *Gil+10: Gilberto Gil Convida* (2011); CD *Especial: Ivete, Gil, Caetano* (2012); e CD e DVD *Concerto de Cordas e Máquinas de Ritmo* (2012), com a inédita *Eu Descobri* e regravações, como *Um Abraço no João* e *Não Tenho Medo da Morte*.

*Não tenho medo da morte  
Mas sim medo de morrer  
Qual seria a diferença  
Você há de perguntar  
É que a morte já é depois  
Que eu deixar de respirar  
Morrer ainda é aqui  
Na vida, no sol, no ar*

# Milton Nascimento

*Eu, quando a cegonha me trouxe, a porta estava fechada e ela teve que entrar pela chaminé. É assim que nós todos explicávamos essa coisa a todo o mundo.*

Milton, em depoimento ao Museu Clube da Esquina ([www.museuclubedadesquina.org.br](http://www.museuclubedadesquina.org.br)), justificando a situação de ser um menino negro em uma família de brancos





1. No show *Tambores de Minas*, em 1998

Milton do Nascimento nasceu em 26 de outubro de 1942 na Casa de Saúde de Laranjeiras, no Rio, filho da cozinheira Maria do Carmo. Mãe solteira e tendo contraído tuberculose na gravidez, precisou da ajuda dos patrões, Edgar e Augusta, para cuidar do menino.

“No momento em que entrou pela porta da sala, o bebê se tornou, sem concorrentes, o senhor da casa, tão desacostumada com toda a vida em torno de uma criança”, descreve a jornalista Maria Dolores na biografia *Travessia – A Vida de Milton Nascimento*. A casa em questão ficava na Rua Conde de Bonfim, na Tijuca.

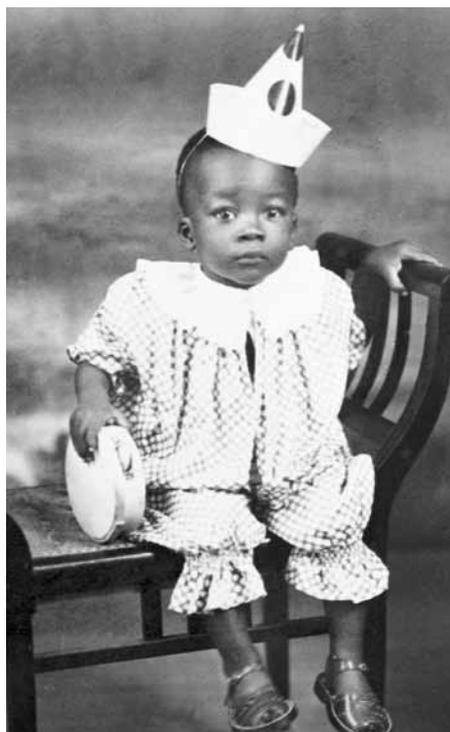
Edgar e Augusta eram pais de Dulce e Lília e logo se tornaram padrinhos do pequeno Milton. Lília, com 21 anos, assumiu os cuidados com o menino, que, ao aprender a falar, passou a chamá-la de *lazinha*. Gostava de ficar ao lado dela e, sobretudo, de ouvi-la com a Dulce ao piano. Marcava o compasso com o corpo e adorava quando elas o deixavam dedilhar as teclas.

## De Milton a Bituca

“Milton era um menino tranquilo, obediente, chorava pouco, não dava mais trabalho do que qualquer criança poderia dar”, conta a biógrafa Maria Dolores. “Entretanto, tinha momentos de rebeldia, quando ficava emburrado. Fechava a cara, armava o bico e

era preciso ter paciência até que voltasse ao normal. Não era criança de se deixar enrolar por um doce ou por palavras meigas. Achando graça nesses beijos, Lília apelidou o garoto de *Bituca*”, apelido pelo qual é chamado até hoje.

Entre as estripulias logo nos dois primeiros anos de vida, a família lembra quando o pequeno desapareceu por um dia inteiro, deixando todo o mundo apavorado. Ele simplesmente subiu no bonde que passava em frente a sua casa e foi até o ponto final. Quem o encontrou lá foi Zino, noivo de Lília.



2. Bituca, aos 2 anos de idade

Com a morte de Maria do Carmo, em 1944, e do pai desaparecido de Milton, Augusta entregou o menino à avó materna, que morava em Juiz de Fora. Sem os mimos, as brincadeiras e, principalmente, as pessoas a que estava acostumado, Bituca ficou triste e cabisbaixo. Até que, um belo dia, Zino e Lázinha chegaram para buscá-lo. Foram todos para a cidade de Três Pontas (MG), onde o casal passaria a viver; Lília cuidando do lar e Zino dando aula na escola e tocando a oficina eletrônica que montou ao lado de casa.

“Ele foi morar conosco, mas não o adotamos oficialmente, no papel. Eu conhecia a mãe dele e achei que estaria usurpando um direito que não era meu”, conta Lília no documentário *A Sede do Peixe*, de Lula Buarque de Hollanda e Carolina Jabor. “Ele sempre foi considerado como filho, mas do coração. Agora, já depois de grande, ele resolveu nos adotar. E ele querer, depois de tantos anos, depois de saber que espécie de pessoa que nós éramos, aí é que foi o máximo.”



3. O casal Zino e Lília, que assumiu a criação de Milton

## Brincadeiras de criança

Em 1946, Fernando, primo de Lília, veio morar com eles. Foi o primeiro “irmão” de Milton e também seu primeiro grande amigo.

A família ia à igreja, aos domingos, e, na volta, os meninos improvisavam altar e bancos no quarto para brincar de rezar missa. Também gostavam de soltar pipa, correr na praça, comer bundinha de tanajura, subir em árvores, jogar pião, bola de gude e futebol. Bituca se divertia vendo a mãe preparar suas guloseimas prediletas: rabanada, broa, ovo estrelado e folhas de tomate à milanesa.

Um programa em família era assistir aos filmes de Mazaropi e Flash Gordon no Cine Teatro Ideal. Milton e Fernando ficaram amigos do projetorista, que, mais adiante, deixou que vissem da sala de projeção a estreia de *Juventude Transviada* (1955), proibidíssimo para a idade deles, entre 13 e 14 anos.

Além da música que ouvia no cinema, Bituca gostava de bisbilhotar a discoteca de casa. “A gente tinha os discos de operetas, música clássica, temas de filmes”, conta em seu depoimento a Márcio Borges publicado no site *Museu Clube da Esquina*. “Tinha os discos das cantoras de jazz com grandes bandas... sempre ouvi de tudo.”

## Gaita e sanfona

Aos 5 anos (1947), ele ganhou uma gaitinha e, antes ainda de completar 7, uma sanfoniinha Hering. Para suprir a falta de sustenidos e bemóis, o menino usava a própria voz. Passou a dominar a sanfoniinha, que o acompanhava nas festas de família, brincadeiras com amigos e quermesses. Chegou a arranjar um jeito de tocar os dois instrumentos ao mesmo tempo: sentado na escada da varanda, com as pernas dobradas, encaixava a gaita entre os joelhos e dedilhava a sanfona por baixo das pernas.



Em 1950, entrou para o Grupo Escolar Cônego Victor, fundado por um padre negro, e, justamente lá, enfrentou o racismo, pela primeira vez, sendo impedido de frequentar a mesma sala dos filhos de fazendeiros. Zino conseguiu trocá-lo de turma, e Milton se tornou primeiro aluno. Sempre quieto e com os olhos arregalados, aprendeu rapidamente o beabá e acompanhava, na sanfona, as apresentações teatrais realizadas na escola.

Tocar era uma grande alegria e ficava ainda maior quando tia Conceição (irmã de Zino) lhe emprestava o acordeão ou o chamava para um dueto nos encontros de família: ela no fole, ele na sanfoninha, tocando valsas vienenses e marchinhas de carnaval.

Ele adorava as festas religiosas: eram duas procissões na Semana Santa e a quermesse da Igreja Matriz, quando Lília cantava e Milton tocava sanfona. A única tristeza era não poder ser o anjo nas procissões. “Anjo negro? Nem pensar!”

## O Porcolitro

No começo dos anos 1950, conheceu os desenhos animados da Disney. Encantado com eles, começou a criar suas próprias histórias para apresentar aos amigos e à família, sempre ao som da sanfona. O personagem mais divertido era o Porcolitro, “um leite muito safadinho que derramava sempre”, como o autor descrevia após o tradicional “Era uma vez”. De tão levado, foi transformado pela fada madrinha em um porco, casando-se depois com lara, “a rainha do mar”, e tendo com ela um filho-leitão chamado Juca. Fazendo vozes, fundos musicais e criando situações, Milton contou a saga de Porcolitro por “nada menos que oito anos”, como descrito em sua biografia.

As férias eram no Rio de Janeiro, com Fernando e Lília. Na véspera da viagem, os meninos passavam a noite em claro esperando

o momento de entrar na maria-fumaça e contar os quilômetros para as atrações que os aguardavam: praia, novas gírias e passeios.



4. No Rio de Janeiro, na praia, com o primo Fernando

A familiaridade com o Rio fez com que aceitasse o convite dos avós Edgar e Augusta para morar com eles e ter um ensino melhor. Entrou para o Colégio Tijuca Uruguay, de onde saiu em 1955, depois de gabaritar todas as matérias, exceto desenho e canto, nas quais foi reprovado. De volta a Três Pontas, passou a estudar no Ginásio São Luís, onde arrasou nas aulas de canto.

## Luar de Prata

Trocar revistinhas virou mania em Três Pontas e aproximou Milton de Dida, que comandava o escambo dos gibis. O mesmo Dida, ótimo cantor, viria a formar com ele o conjunto Luar de Prata, inspirado no grupo americano The Platters. E o apresentou a outro três-pontano que entraria para o grupo e se tornaria um de seus principais parceiros: Wagner Tiso. Em forma de sexteto, o Luar de Prata animou os bailes da região ao som dos sucessos da época.

A dupla Milton e Wagner sempre era recrutada por grupos que se apresentavam na noite. Mas, por causa da idade (Milton com 14, Wagner com 11), volta e meia tinham que se esconder do Juizado na cozinha dos bares. “Era a melhor hora do baile, quando a gente ia correndo para a cozinha, onde tinha batata frita, bifinho, coca-cola, aqueles negócios todos”, lembra em *A Sede do Peixe*.

Ao ganhar um violão da avó Augusta, trocou as cordas de aço pelas de náilon, para que o som saísse parecido com o que escutava no rádio, nas vozes de Emilinha Borba, Marlene, Cauby Peixoto, Henry Mancini, Michel Legrand, The Platters e Ângela Maria, sua musa vitalícia.

Milton também se apaixonou pela obra de Villa-Lobos, apresentada a ele por sua amiga Maria Amélia Boechat. Foi com sua interpretação ao piano que ele ouviu, pela primeira vez, a *Bachiana nº 4*. E nunca mais esqueceu.

## Trabalho formal

A formatura no Ginásio São Luís aconteceu no final de 1958. Único negro da turma, foi o melhor aluno e o orador da cerimônia. Mas não pôde ir ao baile porque o clube proibia a entrada de negros. O ano também foi marcado pela perda da avó e madrinha Augusta, mãe de Lília.



5. Como orador da turma, na formatura no Ginásio São Luís

Depois da formatura, Zino o aconselhou a fazer o curso de Comércio para ter uma profissão, caso a música não desse certo. Ele ingressou na Escola de Comércio Nossa Senhora d’Ajuda, trabalhou na Alfaiataria Royal e, logo depois, foi para a Rádio Clube de Três Pontas, como apresentador do programa *Você Pede a Música*. Além de receber pedidos de ouvintes de fato, ele simulava outros para poder tocar suas músicas preferidas.

Nessa época, o amigo e parceiro Wagner Tiso saiu de Três Pontas, e o Luar de Prata se desfez, dando lugar ao grupo Milton Nascimento e Seu Conjunto (e não mais “do Nascimento”, como na carteira de identidade). Em casa, mais novidades: Zino e Lília adotaram a menina Elizabeth Aparecida.

## Os W’Boys

Hora de serviço militar, e ele foi recrutado para a Escola de Sargentos, em Três Corações. Quando não tinha plantão, ia para Três Pontas ou para Lavras rever o amigo Wagner. Foi convidado por ele para integrar o grupo W’Boys, formado pelo próprio Wagner, além de Waine, Wanderley e Wesley. Na falta de um W no nome, Bituca virou Wilton Nascimento, *crooner* e tocador de xilofone.

Corria o ano de 1962. Ele se diplomou na Escola de Comércio e se mudou para Belo Horizonte, mais exatamente para o Edifício Levy, onde viviam outros músicos profissionais e amadores. O contato com eles seria decisivo para a criação do futuro Clube da Esquina.

Na capital mineira, arrumou emprego como datilógrafo em Furnas. À noite, frequentava bares e boates, tocando com Wagner e o irmão deste Gileno Tiso. Assim, conheceu Célio Balona, do Conjunto Célio Balona, que convocou Wagner, como pianista, e Bituca, como *crooner*. O grupo tocava no programa *A Tarde É Nossa*, da TV Itacolomi, e era presença certa nos bailes mais concorridos da noite belo-horizontina.



Foram dois anos no conjunto apresentando um repertório variado, o que levou Milton a ganhar experiência, a se entrosar com os principais músicos da cidade e a perder, um pouco pelo menos, o pânico que sempre teve de cantar em público.



6. Como *crooner*, agora no Conjunto Célio Balona

## Os Borges

O trabalho em Furnas continuava, e ele entrou para um novo grupo: o Evolussamba, ao lado de Wagner Tiso, Marcelo Ferrari e Marilton Borges. Marilton é o mais velho dos 11 filhos de Salomão e Maria Borges, e logo os garotos Márcio e Salomão Filho (o Lô) tornaram-se parceiros de Milton.

*No documentário A Sede do Peixe, Lô conta como conheceu Milton. Tinha ido à padaria, a mando da mãe. Saiu de casa e se deparou com Bituca, cantando e tocando no meio das escadarias do Levy. “Não comprei o pão, não comprei o leite. Fiquei ali...”*

Estávamos em 1964, e nascia Jaceline, a primeira filha biológica de Zino e Lília. Nascia também um novo grupo musical, o Berimbau Trio, em que ele tocava contrabaixo, o que aprendeu às vésperas do primeiro show. Instrumentista e *crooner*, virou compositor, incentivado por Márcio Borges. Das primeiras

parcerias, saiu a *Canção do Sal*. Também são de 1964 as primeiras gravações no conjunto Holiday: o compacto *Barulho de Trem*, com a música título (só dele), *Aconteceu* (com Wagner Tiso), *Noite Triste* (com Mauro Oliveira) e *Férias* (só de Wagner).

## Show Opinião

Para quem tocou contrabaixo no susto, substituir um violonista era fácil. E, assim, ele participou do show *Opinião*, que passava por Belo Horizonte, acompanhando Nara Leão, Zé Kéti e João do Vale. Na plateia, estava o estudante de Direito Fernando Brant, futuro grande parceiro.

Era a época dos festivais, e ele foi indicado por Baden Powell para interpretar *Cidade Vazia* (Baden e Luís Fernando Freire) no Festival da TV Excelsior (1966), no qual ganhou o Berimbau de Bronze como melhor intérprete. De quebra, conheceu um timaço da MPB: Chico Buarque, Gilberto Gil, Danilo Caymmi, Agostinho dos Santos e Elis Regina.

Empolgado, inscreveu *Irmão de Fé* (com Márcio Borges) no Festival da TV Record, logo em seguida. Não foi classificado e ele jurou nunca mais concorrer. Só que, no ano seguinte, Agostinho dos Santos, que tinha acabado de gravar três de suas músicas, inscreveu-as no II Festival Internacional da Canção, sem Milton saber. Eram: *Maria, Minha Fé, Morro Velho* e *Travessia*.

### **Morro Velho**

*No sertão da minha terra,  
fazenda é o camarada  
que ao chão se deu  
Fez a obrigação com força*

### **Travessia**

*Quando você foi embora  
Fez-se noite em meu viver  
Forte eu sou mas não tem jeito  
Hoje eu tenho que chorar*

*Travessia, o primeiro grande sucesso de Milton e referência em sua obra, originalmente se chamava O Vendedor de Sonhos. Não satisfeitos com o título, Milton e Brant escolheram a última palavra do livro Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa: “travessia”.*

Mais um troféu de melhor intérprete e o vice-campeonato com *Travessia*. No embalo do sucesso, gravou o primeiro LP, em 1967: *Milton Nascimento*, com as músicas do festival e outras, como *Três Pontas* (com Ronaldo Bastos) e *Outubro* (com Brant). Em depoimento ao Museu Clube da Esquina, disse: “Meu momento de sorte foi quando apareceu o Agostinho dos Santos na minha vida. O Agostinho me viu numa boate, numa noite, chegou perto de mim e falou isto: ‘Quem é você, hein?’. Eu falei: ‘Eu sou o Bituca, sou de Minas’. Começamos a conversar, aí ele pegou, resolveu ser meu pai. Aonde ele ia me levava”.

Depois do festival, Milton foi a Três Pontas receber o título de cidadão três-pontano, conferido pela Câmara Municipal.



7. Na Câmara Municipal, com a família, recebendo o título de cidadão três-pontano

Já morando no Rio de Janeiro, ele se casou, em 1968, com Lourdes Mathias, a Lourdeca, com direito a cerimônia religiosa, muitos convidados... e a separação em menos de um mês. No mesmo ano, ele foi convidado

para gravar um LP em inglês, em Nova York: *Courage*. Aproveitou para uma esticada no México, onde pela primeira vez se apresentou como solista, cantando repertório próprio e com uma banda própria.

## Clube da Esquina

Em 1969, saiu outro disco com o nome *Milton Nascimento*, com *Sentinela*, *Beco do Mota* (com Brant), *Pai Grande* (sem parceiro) e *Clube da Esquina* (com Lô Borges, trecho a seguir), que mais adiante se tornaria nome de disco e do grupo de amigos.

*Noite chegou outra vez  
De novo na esquina  
Os homens estão*

*Clube da Esquina era exatamente uma calçada no cruzamento das ruas Divinópolis e Paraisópolis, em Belo Horizonte, onde o grupo de amigos e músicos se reunia, à noite, para conversar e tocar violão.*

O LP *Milton* (1970), com as canções *Clube da Esquina* (com Márcio e Lô Borges), *Para Lennon e McCartney* (Brant, Márcio e Lô Borges) e outras, foi lançado depois de uma temporada no Teatro Opinião, no Rio, onde ele apareceu de cabelos longos, pés descalços, jaqueta preta com estrelas prateadas, calça amarela e vermelha, “dançando, gesticulando, sambando, cantando em inglês”, segundo a biógrafa Maria Dolores.

Na época, compôs para teatro – *San Vicente* (com Brant), peça *Os Convalescentes* (1970); para o cinema – *Tema de Tostão*, *O Homem da Sucursal* e *Aqui É o País do Futebol* (as duas últimas com Brant), filme *Tostão, a Fera de Ouro*; e a trilha de *Os Deuses e os Mortos*, em que faz o jagunço Dim-Dum.

A convite da revista *O Cruzeiro*, Milton, Brant e os irmãos Lô e Márcio foram a Diamantina (1971), onde encontraram o ex-presidente Juscelino Kubitschek, em um encontro registrado para a posteridade.



8. Em Diamantina, com o presidente Juscelino Kubitschek, o amigo Fernando Brant e outros

Na vida pessoal, começou “o relacionamento mais feliz de sua vida”, segundo sua biógrafa, com a *socialite* paulistana Káritas; ela morando em São Paulo, e ele, no Rio.

O LP duplo *Clube da Esquina* saiu no ano de 1972 e figura no livro nacional *300 Discos Importantes da Música Brasileira*, organizado por Charles Gavin, e no internacional *1001 Discos para Ouvir Antes de Morrer*, editado por Robert Dimery. Das 21 faixas, 19 eram inéditas e todas fizeram sucesso.

## O filho Pablo

Káritas engravidou, e Bituca passou a se comportar “como o protótipo do cara que vai ser pai. Apalpava a barriga da mulher e fazia planos para o nascituro”, conta Márcio Borges no livro *Os Sonhos Não Envelhecem – Histórias do Clube da Esquina*. Nascido em 1973, em São Paulo, o menino é batizado de Pablo e ganha do pai a música com seu nome, letrada por Ronaldo Bastos.

No mesmo ano, saiu *Milagre dos Peixes*, com LP e um compacto. A capa se desdobrava, transformando-se em pôster, revelando dentro o LP, o compacto e o encarte.

A temporada de divulgação começou no Rio de Janeiro, quando, segundo sua biógrafa Maria Dolores, ele incorporou o boné de maquinista ao seu visual, o que seria, por muito tempo, uma de suas marcas registradas. Depois, o espetáculo foi para o Teatro Municipal de São Paulo e rendeu o álbum *Milagre dos Peixes ao Vivo*.



9. De boné, uma das marcas registradas de seu visual

Mais clássicos no novo disco, *Minas* (1975), como *Beijo Partido* (com Toninho Horta), *Fé Cega*, *Faca Amolada* (com Ronaldo Bastos), *Saudade dos Aviões da Panair*, *Ponta de Areia* (as duas com Brant) e *Paula e Bebe-to* (com Caetano Veloso). *Minas* foi um dos LPs mais vendidos do ano.

### **Ponta de Areia**

*Ponta de areia, ponto final*  
*Da Bahia-Minas estrada natural*

O músico americano Wayne Shorter convidou Milton para fazer parte de seu disco *Native Dancer – Featuring*. Depois da gravação, Bituca foi para a Suíça se apresentar no Festival de Montreux. De volta ao Brasil, lotou o Canecão, acompanhado de Chico e Caetano no show *Milton Buarque Veloso*.

Em 1976, foi lançado *Geraes*, com os clássicos *Cálix Bento* (Tavinho Moura), *O que Será – À Flor da Pele* (Chico Buarque), *Volver a los 17* (de Violeta Parra, gravado em dueto por Milton e Mercedes Sosa) e *Circo Marimbondo* (parceria com Ronaldo Bastos gravada em duo com Clementina de Jesus). O LP *Geraes* também consta do livro *300 Discos Importantes da Música Brasileira*, organizado por Charles Gavin.

Ainda nesse ano, saiu seu segundo disco “americano”: *Milton*, com a primeira gravação de *Raça* (com Brant). Outro marco do ano foi sua estreia como compositor para a companhia de dança Grupo Corpo, mais precisamente para o balé *Maria, Maria*, que ficou em cartaz por seis anos, com apresentações em 14 países. O tema instrumental (que depois ganhou letra de Brant) se tornou um dos grandes sucessos de Bituca.

*Maria, Maria*  
É um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alerta

Em 1977, além de uma agenda repleta de shows por todo o Brasil, o evento mais marcante foi o show coletivo *Paraíso*, realizado em uma fazenda em Três Pontas. Com entrada franca e gente chegando de outros estados, o chamado Woodstock Mineiro contou com as apresentações de Milton, Chico Buarque, Clementina de Jesus, Fafá de Belém, Gonzaguinha, Francis Hime e o trio Azymuth.



10. Woodstock Mineiro: Milton ao violão e acompanhando Clementina de Jesus

*Para comemorar dez anos do Festival Internacional da Canção (1977), a TV Bandeirantes fez um especial sobre Milton, em que a cantora Elis Regina declarou: “Se Deus cantasse, seria com a voz de Milton”.*

## Clube da Esquina 2

O álbum *Clube da Esquina 2* saiu em 1978, com 23 faixas, entre elas *Maria, Maria* (com Brant), *O que Foi Feito Deverá* (com Brant)/*O que Foi Feito de Vera* (com Márcio Borges), *Nascente* (Flávio Venturini e Murilo Antunes) e *Mistérios* (Joyce e Maurício Maestro). Novamente, Bituca teve um LP entre os mais vendidos do ano.

O terceiro disco “americano”, *Journey to Dawn*, trouxe dois grandes sucessos: *Cio da Terra* (com Chico Buarque) e *Unencounter*, que depois foi letrado por Brant, vindo a se chamar *Canção da América* (trecho a seguir). A música se tornou uma espécie de hino à fraternidade, cantado em cerimônias e momentos marcantes, como no velório de Ayrton Senna, fã declarado da melodia.

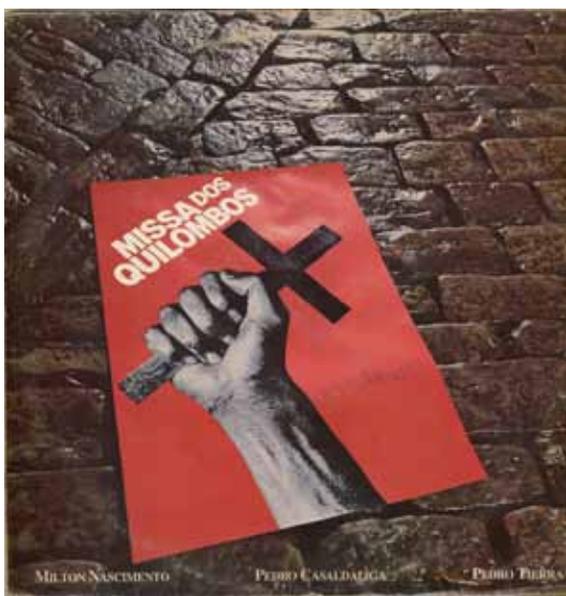
*Amigo é coisa pra se guardar*  
*Debaixo de sete chaves*  
*Dentro do coração*  
*Assim falava a canção*

Um novo espetáculo do Grupo Corpo, *Último Trem*, estreou em 1980, novamente com músicas de Milton, lançando os *hits* *Encontros e Despedidas* (com Brant) e *Bola de Meia, Bola de Gude* (com Ronaldo Bastos), entre outros. Depois, veio o LP *Sentinela*, que, além das vozes de Mercedes Sosa (*Sueño con Serpientes*) e Nana Caymmi (*Sentinela*), trouxe um coro de padres do Mosteiro de São Bento. Foi eleito o melhor de 1980 pela Associação Paulista de Críticos de Arte.



*Caçador de Mim* foi lançado em 1981, com destaque para a faixa-título (Sérgio Magrão e Luís Carlos Sá) e *Nos Bailes da Vida* (com Fernando Brant, trecho a seguir), uma homenagem aos “tremendos músicos” que “tocam na noite” e aos quais “as pessoas não dão muito valor”, como Milton disse ao Museu Clube da Esquina.

*Foi nos bailes da vida ou num bar  
Em troca de pão  
Que muita gente boa  
Pôs o pé na profissão*



11. Capa do disco *Missa dos Quilombos*

No final do ano, em frente à Igreja do Carmo, do Recife, ele apresentou a *Missa dos Quilombos*, em que musicou o texto do padre D. Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra e que se transformou em disco.

*Pouco antes da Missa dos Quilombos, Milton fez a segunda participação no cinema em Fitzcarraldo, filmado na Amazônia pelo alemão Werner Herzog. Representou um segurança do Teatro Amazonas, contracenando com Cláudia Cardinale e Klaus Kinski.*

No novo LP *Anima* (1982), a canção *Essa Voz* homenageava Elis Regina, falecida naquele ano e que ele definia como “o grande amor da minha vida”.

## Coração de Estudante

Em 1983, saíram dois discos: *Brazil Night – Ao Vivo em Montreux* e *Milton Nascimento ao Vivo*, registro de um show que abria com *Coração de Estudante*. Composta por Wagner Tiso para o filme *Jango*, de Silvio Tendler, ganhou letra de Milton. A música se tornou hino da campanha pela volta das eleições diretas e, em 1985, foi tocada nas transmissões do velório de Tancredo Neves, que tinha a canção como uma de suas preferidas.

*(...) Coração de estudante  
Há que se cuidar da vida  
Há que se cuidar do mundo  
Tomar conta da amizade*

Nessa época, Milton recebeu prêmios e comendas, como a medalha do mérito cultural da Association Quebec-Brésil, o título de Cidadão Honorário do Estado de Minas Gerais, o de Cavaleiro da Ordem das Artes das Ciências e Letras (governo francês) e o Prêmio Shell. Depois, o disco de platina, pelo LP *Encontros e Despedidas* (1985), que entrou na lista da revista *Billboard*. Ele foi o segundo brasileiro na lista depois de João Gilberto.



12. Catálogo do espetáculo *El Gran Concierto*, com os amigos Mercedes Sosa e Leon Gieco

Em 1986, saiu o LP *Corazón Americano*, com a gravação do show de Milton e Mercedes Sosa, e, depois, *A Barca dos Amantes*, ao vivo, com participação especial de Wayne Shorter. No ano seguinte, foram lançados o álbum *Yauaretê* – palavra indígena para “onça” – e o compacto *Milton/RPM*, com a banda de mesmo nome.

Na volta da mais longa turnê de sua carreira, ele destacou a estada na Dinamarca, em depoimento ao Museu Clube da Esquina: “Que todo lugar, antes, que eu ia, o pessoal perguntava: ‘Qual é o estilo da tua música?’. Eu nunca soube que estilo que era, por que era samba? Era, mas não era. Era jazz? Era, mas não era. Era rock? Era, mas não era. Aí, a primeira vez que eu fui à Dinamarca, tinha lá o cartaz do festival de jazz, não sei o quê, então, tinha lá, por exemplo, Miles Davis, jazz, Fulano de Tal, rhythm and blues, Milton Nascimento, Milton”.

Chegando ao Brasil, lançou o disco *Miltons* e participou do show *Human Rights Now!*, promovido pela Anistia Internacional. Cantando para cerca de 45 mil pessoas, dividiu o palco com estrelas internacionais como Sting, Peter Gabriel, Bruce Springsteen e Tracy Chapman.



13. Expedição à Amazônia, visitando tribos indígenas

Entre 1989 e 1990, fez uma expedição pela Amazônia, a convite da União das Nações Indígenas e do Conselho Nacional dos

Seringueiros. Com uma equipe de gravação para captar os sons da floresta, se embrenhou na mata, conhecendo ribeirinhos e aprendendo novas palavras. Uma delas, *txai*, inspirou o nome do novo LP, lançado em 1990 e que figurou por semanas consecutivas no topo da lista de “world music”. Em 1991 e 1992, ele seria eleito o músico do ano pela revista especializada *Down Beat*.

*A definição de txai é: “Mais que amigo, mais que irmão, a metade de mim que habita em você, a metade de você que habita em mim”.*

Mais discos saíram do forno na primeira metade dos anos 1990: o LP *O Planeta Blue na Estrada do Sol* (1991), com a regravação de *Beatriz* (Edu Lobo e Chico Buarque); *Angeluz* (1994) e o CD *Amigo* (1994), com a gravação de um show em homenagem a Ayrton Senna, falecido naquele ano.

Estávamos em 1995, ano das bodas de ouro de Lília e Zino. Para homenagear os pais, Bituca montou um festão em uma fazenda em Três Pontas, com direito a serenata na janela do casal e cerimônia religiosa, em que interpretou *Lília e Vaquinha Dourada* – que Zino cantarolava para ele na infância.

## A saúde vai mal

O diabetes, diagnosticado e controlado nos últimos três anos, voltou com toda a força e associado a uma anorexia. Depois da internação no Rio, ele foi para Belo Horizonte, terminando a recuperação em Três Pontas, com a família, longe de compromissos, shows e solicitações da imprensa. De volta à batalha, lançou, ainda em 1997, o CD *Nascimento*, gravado no ano anterior entre Rio e Nova York. “Este disco é pro Zino e pra Lília”, disse na dedicatória.



No ano seguinte, *Nascimento* ganhou o Grammy de melhor álbum na categoria World Music. Para divulgar o disco, foi montado o espetáculo *Tambores de Minas*, em dois atos. Vestindo uma túnica e com um trono de cipó em uma espécie de altar, Milton cantou seus grandes sucessos no primeiro ato e as músicas de *Nascimento* no segundo.



14. Apresentação no show *Tambores de Minas*

*Um dos pontos altos do show (gravado em DVD) foi a voz em off de Elis, cantando O que Foi Feito Deverá: O que foi feito, amigo/ De tudo que a gente sonhou/ O que foi feito da vida,/ O que foi feito do amor?, seguido do próprio Bituca, com O que Foi Feito de Vera: Alertem todos alarma/ Que o homem que eu era voltou...*

A partir de 1998, com a morte de Lília, Milton diminuiu as viagens a Três Pontas, para os protestos de Zino, que transformou sua oficina em Fã-Clube Oficial Milton Nascimento.

## Nos anos 2000

Em 1999, saiu o CD *Crooner*, com Wagner Tiso. E, logo no começo dos anos 2000, o disco *Gil e Milton*, com as primeiras parcerias da dupla. Logo depois, vieram: o CD *Trilhas de Ballet*, com as trilhas de *Maria, Maria* e *Último Trem*, do Grupo Corpo; e os DVDs *Tambores de Minas* e *A Sede do Peixe*.



15. Apresentação em espetáculo musical

Em 2003, foi lançado o CD *Pietá*, dedicado à memória da mãe. “*Pietá*, pra mim, é a minha mãe de criação Lília, que, mesmo sem nenhum contato ou notícia minha durante muito tempo, pressentiu que algo de errado se passava comigo e veio me socorrer”, escreveu no texto de apresentação.

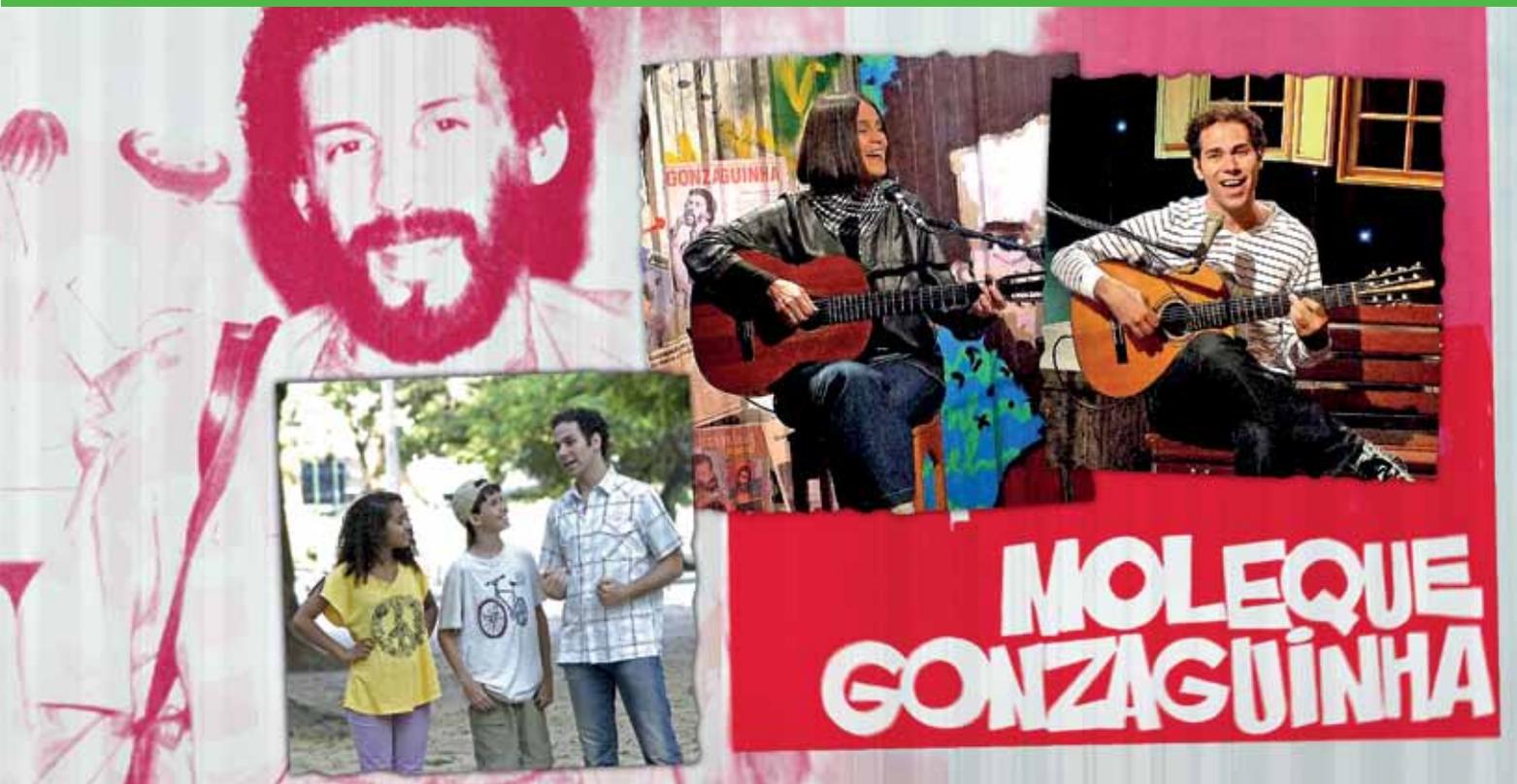
Cinco anos depois (2008), saiu *Novas Bossas*. Em 2009, *Milton Nascimento & Belmondo*, com a Orchestre National d’Ile-de-France. O CD *E a Gente Sonhando*, de 2010, teve a participação de amigos músicos.

“Todos os músicos que não nasceram em Três Pontas – e que tocaram comigo neste disco – eu fiz questão de nomear como os mais novos cidadãos três-pontanos do pedaço”, Milton escreveu na apresentação do CD. No repertório, *Espelho de Nós* (com Brant), *Amor do Céu*, *Amor do Mar* (com Flávio Henrique) e *Gota de Primavera* (com Pedrinho do Cavaco), entre outras.

# Gonzaguinha

*Ô Dina/ Teu menino desceu o São Carlos/ Pegou um sonho e partiu/ Pensava  
que era um guerreiro/ Com terras e gentes a conquistar/ Havia um fogo em  
seus olhos/ Um fogo de não se apagar*

Trecho da canção *Com a Perna no Mundo*, que fala sobre sua infância no Morro de São Carlos, onde foi criado pelos padrinhos Henrique e Dina





1. Apresentação no evento Woodstock Mineiro, promovido por Milton Nascimento na cidade de Três Pontas

Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior nasceu em 22 de setembro de 1945, filho biológico de Odaléia Guedes dos Santos (Léia) e de adoção do compositor, cantor e acordeonista Luiz Gonzaga, namorado de Léia.



2. Luizinho no colo dos pais, Gonzagão e Léia

Luizinho tinha apenas 2 meses quando sua mãe contraiu tuberculose e ele foi entregue aos cuidados dos padrinhos Henrique Xavier Pinheiro e Leopoldina (Dina), que moravam na Rua São Frederico, no Estácio, bem na subida do Morro de São Carlos.

Henrique tocava na Rádio Vera Cruz e na Adega de Évora, em Copacabana, e, com ele, o afilhado teve sua iniciação musical. “Por isso eu toco violão, não sanfona”, diria Gonzaguinha em uma entrevista no programa *Ensaio*, da TV Cultura.

Com a morte de Léia, Xavier e Dina assumiram de vez a criação de Luizinho, a essa altura com 2 anos. O pai, Gonzagão, se firmava como artista de sucesso e emendava uma viagem na outra. Volta e meia visitava o menino, custeava suas necessidades básicas (roupas, escola, etc.), mas nada além disso. Luizinho contava aos amigos que era filho do Rei do Baião, mas quem acreditava? Além de não se parecer com ele, ninguém entendia como um dos artistas mais populares do Brasil deixava um filho viver na favela.

Em 1948, Luiz Gonzaga se casou com Helena, e foram morar no Cachambi, mas Luizinho continuou no Estácio.

## Apegado aos padrinhos

Até os 6 anos, Luizinho era descrito como: “menino sensível e doce, daqueles que choram à toa”, “dócil, agarrado à família”, “só saía de casa acompanhado”. Mas, logo depois, já estava subindo e descendo as ruas e vielas do morro, jogando pelada, bola de gude, rodando pião e soltando pipa (seu

maior prazer). Era chamado de Moleque Luizinho. Quase sempre, chegava em casa ralado ou com hematomas nas pernas. Por três vezes, feriu o olho esquerdo, sendo que na última perdeu 80% da visão nesse olho.



3. Com os padrinhos Henrique e Dina

No livro *Gonzagão & Gonzaguinha: Encontros e Desencontros*, de Jonas Vieira e Simon Khoury, consta que foi na companhia de Xavier e Dina que o menino teve os primeiros contatos com a boemia. Aos 10 anos, tinha entrada permitida no Cabaré Primor, na Lapa, para ver o padrinho tocar.

## Uma relação delicada

Os estudos, na infância, começaram na Escola Canadá, no Estácio; depois, no Educandário Nossa Senhora das Graças, no Grajaú (como interno), no Colégio Estácio de Sá (semi-interno) e no Instituto Lafayette, na Tijuca (interno novamente).

Pai e filho viviam uma relação complicada. Além de sofrer com a rejeição de Helena, o menino mal via o pai, sempre em turnê pelo Brasil. Mas, quando estava no Rio, Dina o levava até a casa no Cachambi.

O garoto logo percebeu que Helena não gostava dele, mas não reclamava, como também não pedia dinheiro ao pai, ainda que a situação financeira no Morro de São Carlos fosse precária. Com isso, a criança doce de alguns anos antes passou a carregar “um certo amargor no rosto e no comportamento”, como descreveu Regina Echeverria no livro *Gonzaguinha & Gonzagão – Uma História Brasileira*. “Parecia que a realidade o havia atropelado.”

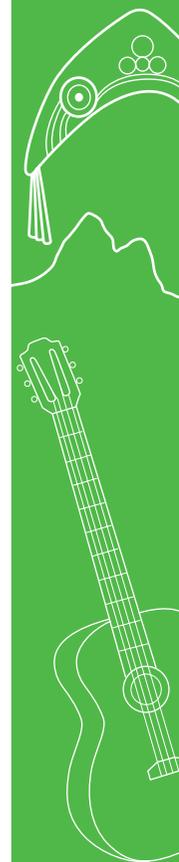
*Luizinho ganhou uma irmã, Rosa Maria, a Rosinha, adotada por Gonzaga e Helena. Mas as duas crianças cresceram sem nunca terem conseguido se tornar amigas.*

## A vida no São Carlos

Aos 10 anos, Luizinho começou a ganhar o próprio dinheiro carregando sacolas na feira. O pouco que recebia gastava com mortadela e refrigerante. Foi nessa época que ele se aproximou de Pafúncio, morador do morro e que trabalhava na feira, mas gostava mesmo era de fazer samba. Pertencia à ala de compositores da escola de samba Unidos de São Carlos e, de alguma forma, inspirou Gonzaguinha a compor.

Mas o aprendizado musical mesmo aconteceu em casa, observando e imitando Xavier tocar violão. Volta e meia, Gonzagão o levava ao auditório da Rádio Nacional, e ele se impressionava com o pai comandando aquela plateia com seu canto e sua sanfona.

Em casa, ouvia os cantores preferidos dos padrinhos, como Lupicínio Rodrigues e Jamelão, além das músicas do pai e do cancionista lusitano, de que Dina gostava. O menino também curti boleros e gostava de frequentar os programas sertanejos de auditório nos anos 1950.



Em 1958, voltou para o internato, dessa vez no Ginásio Barão de Paty do Alferes, entre Miguel Pereira e Vassouras. O colégio impunha uma disciplina austera, seguida por todos os alunos, que se referem a Luizinho como “aplicado e reservado”, “líder de classe” e que “jogava futebol na ponta-direita”.

Aos 14 anos, ele compôs sua primeira música, *Lembrança de Primavera*, gravada pelo pai no LP *A Triste Partida*. “Minhas músicas falavam de verão e praia, garotas da praia”, contou a Regina Echeverria. Pouco depois, fez outras canções que o pai gravou: *Festa* (no LP *Canaã*) e *From United States of Piauí* (no disco *Aquilo Bom!*).

## Mudança para a casa do pai

Luizinho foi diagnosticado com tuberculose nos dois pulmões em 1959. A família atribuiu o estado do menino ao frio de Paty do Alferes e à piscina gelada das aulas de natação. Para se recuperar, veio a ficar com Dina e Xavier, então habitantes da Tijuca.

Com quase 16 anos, Luizinho foi morar com o pai, Helena, Rosinha e a empregada Priscila, na Ilha do Governador. Segundo Regina Echeverria, a ideia surgiu no período de convalescência: “Respeito, medo, ódio e uma vontade imensa de ser amado. Tudo misturado”.



4. Ao violão, com a irmã Rosinha, Gonzagão e Helena

A proximidade com o pai foi turbulenta, já que Gonzagão não admitia o comportamento do rapaz, criado no São Carlos. “Ele não tinha domínio sobre mim, temia que eu não virasse boa coisa”, contou nosso notável a Regina Echeverria. “Vocês não sabem que nordestino fala tudo no imperativo? Faça isso, pegue tal coisa, desça aquilo, toque, cale a boca... Eu sou moleque de rua do Rio de Janeiro. Por isso pintavam uns probleminhas dentro de casa. Meu pai chegava e me encontrava no quarto tocando violão com um monte de livros... Falava tudo o que queria, mas ficava meio esquisito, porque eu ficava olhando para a cara dele, tranquilo.”

Os conflitos pioraram, e o jovem Luizinho passou a afrontar a autoridade paterna, na marra, e a afrontar também a madrasta, que nunca o aceitou. Questionava, duvidava, discutia, discursava.

## Livros, violão e chocolate

“Ele não gostava de ficar na casa do pai, mas Geni, uma irmã de Gonzaga, falou para ele: ‘Olha, Luiz Jr., aproveite essa oportunidade e estude tanto quanto você puder estudar’. E ele estudou. Nunca repetiu um ano”, conta a empregada Priscila. “Ele lia tudo quanto havia de jornal e os guardava num saco de estopa. Dizia que esses jornais podiam ajudar nos estudos. Só depois de formado é que jogou tudo fora. Eu não sei como uma criatura podia estudar o que ele estudava, porque juntava todos os deveres que tinha para fazer na semana e numa noite toda ele fazia. Aí, pedia para eu preparar um chocolate... e passava a noite estudando e tomando chocolate.”

Além de estudar, tocava violão. Só saía para jogar futebol. Em uma entrevista ao jornal *O Globo* (março de 1980), Luiz Gonzaga descreveu o filho como “um menino muito quieto, trancado no quarto, de onde se ouvia um violão noviço, mas sempre agradável. Musicalmente, sempre fomos dois estranhos. Ou,

pensando bem, talvez não. É que Luizinho sempre procurou traçar o seu caminho – o menino jamais me pedia dinheiro, ora vejam! Virava-se com sua mesada, que, acreditem, não era nenhuma fortuna. Pois é justamente isso que acho fenomenal em Luizinho, esse enorme talento e força de vontade que o fez destacar-se, apesar de (e sem) mim, sem jamais me imitar ou usar o parentesco”.

Como se vê, as diferenças e dificuldades no relacionamento pai e filho eram muitas, porém o velho Lua foi o primeiro grande incentivador da carreira de compositor de Luizinho, incluindo músicas do filho em seus discos, como: *Lembranças da Primavera*, no LP *A Triste Partida*, e *Matuto de Opinião e Boi Bumbá* (as duas parcerias de ambos), no LP *Quadrilhas e Marchinhas Juninas* (1965).

## Universidade e saraus

Gonzaguinha entrou para a Faculdade de Ciências Econômicas Candido Mendes em 1967, para orgulho do pai, que nunca tinha visto ninguém da família chegar perto disso.

Nos anos seguintes, ele ficaria de olho no filho para que se formasse, como falou à jornalista Regina Echeverria: “Quando ele fraquejou, que eu senti que não ia se formar, chamei ele e falei: ‘Você está derrubando todos os meus planos. Eu lhe dei meu nome, queria ver um doutor de anel no dedo do neto de Januário. Você é minha esperança e agora quer me derrubar’”.



5. Com os amigos do Movimento Artístico Universitário

Paralelamente à vida universitária, frequentava as reuniões musicais da casa do psiquiatra Aluízio Porto Carrero, na Rua Jaceguai nº 27, Tijuca. Ex-violonista do Cassino da Urca e da Rádio Mayrink Veiga, era o próprio Dr. Aluízio, com seu violão de sete cordas, que comandava os encontros.

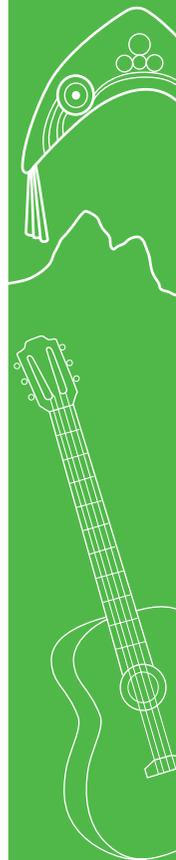
Havia convidados de peso, como Cartola, Nelson Cavaquinho, Jackson do Pandeiro, Jamelão e Clementina de Jesus, entre outros, mas havia também um time fixo de músicos, letristas e cantores iniciantes, hoje famosos, entre os quais Aldir Blanc, Cesar Costa Filho, Sílvio da Silva Júnior, Paulo Emílio Costa Leite, Ronaldo Monteiro de Souza, Ivan Lins e Carlos Althier (Guinga).

Foi nessa casa que nasceu a primeira parceria de Gonzaguinha e Ivan Lins, *Debruçado*, e ideias como a promoção dos Festivais Jaceguai, realizados no Instituto de Educação (o primeiro foi vencido por Gonzaguinha, com *Diz que Vai Virar*, em 1968); do Festival Universitário de Música Popular Brasileira, transmitido pela TV Tupi; e a criação do Movimento Artístico Universitário (MAU).

## Tempo de festivais

O primeiro Festival Universitário de Música Popular Brasileira (1968) aconteceu no Teatro João Caetano, com a vitória da canção *Helena, Helena, Helena* (Alberto Land), defendida por Taiguara. Gonzaguinha se destacou com *Pobreza por Pobreza*, em que os versos *Nascido e criado aqui/ Sei o espinho onde dá/ Pobreza por pobreza/ Sou pobre em qualquer lugar* já mostravam o tipo de obra que ele construiria nos anos seguintes.

No festival de 1969, ele venceu, com *O Trem* (trecho a seguir), que trazia o título alternativo de *Você Se Lembra Daquela Nega Maluca Que Desfilou Nua pelas Ruas de Madureira?*. E ainda levou o quarto lugar com *Mundo Novo, Vida Nova*.



*Uma prece a quem passa  
Rosto ereto, olhar reto  
Passo certo pela vida, amém!  
Uma prece, uma graça,  
Ao dinheiro recebido,*

Ainda em 1969, ganhou como melhor letrista no V Festival da Música Popular Brasileira, da TV Record, com *Moleque*.

## O MAU

O Movimento Artístico Universitário (MAU) foi criado em 1970. “Resolvemos fundar o MAU para que depois do festival universitário tivéssemos um grupo, um movimento que monopolizasse e desse continuidade ao trabalho. O que nos motivou a estar juntos foi abrir mercado de trabalho”, contou Ivan Lins a Regina Echeverria.

Além dele e de Gonzaguinha, faziam parte do movimento: Aldir Blanc, Paulo Emílio Costa Leite, Sílvio da Silva Júnior, Ronaldo Monteiro de Souza e Cesar Costa Filho. Este também falou a Regina Echeverria: “Todos diziam: vocês não podem ficar com essas músicas aqui dentro só mostrando para desconhecidos. Eu olhava para o Gonzaguinha e não o via como mero estudante e compositor. Ele era um instigador, o pensador. Depois essa luz se expandiu e aí adotamos o tal lema, ‘um por todos e todos por um’”.

As apresentações do MAU lotavam teatros no Rio e em São Paulo. Como componente do grupo, Gonzaguinha concorreu, em 1970, no V Festival Internacional da Canção, realizado no Maracanãzinho, terminando a fase nacional em quarto lugar, com *Um Abraço Terno em Você, Viu, Mãe?*.

Ele teve a mesma classificação no III Festival Universitário de Música Popular Brasileira, com *Parada Obrigatória para Pensar*. No ano seguinte, no VI Festival Internacional da Canção, ficou em sexto, com *Sanfona de Prata*.

Ainda em 1971, 12 integrantes do grupo foram contratados pela TV Globo para fazer o programa *Som Livre Exportação*, sendo que apenas três permaneceram depois da fase de experiência: Ivan Lins, Gonzaguinha e Cesar Costa Filho. Logo, o movimento foi desfeito, assim como as reuniões na Jaceguai, já que a família Porto Carreiro teve que entregar a casa.

Sobre o MAU, ele disse a Regina Echeverria que não chegou a ser um movimento: “Era apenas um grupo heterogêneo, que de comum tinha apenas a música, e mesmo essa era feita com ideias diferentes. Para uns, foi a realização de sonhos dourados. Para outros, apenas uma brincadeira. E, para terceiros, um negócio seriíssimo. Para mim, acabou muito antes de terminar efetivamente e teve como utilidade ensinar como não se devem fazer determinadas coisas”.

## O casamento

No final do ano, ele se casou com Ângela Porto Carreiro, uma das filhas do Dr. Aluizio, com quem ele namorava desde os saraus da Jaceguai. Um dos padrinhos da cerimônia foi Gonzagão, mesmo não concordando com a entrada do filho naquela família.



6. Com a mulher Ângela e os filhos Fernanda e Daniel

Já Gonzaguinha, que vivia atritos com o pai e uma relação inexistente com a madrasta, valorizava a acolhida calorosa que tinha na

casa de D. Ruth e Dr. Aluísio, a quem se referia como “um novo pai”. Da união com Ângela, nasceriam dois filhos: Daniel e Fernanda.

Em 1972, Xavier morreu, para tristeza de Gonzaguinha. Mas, no ano seguinte, ele teve uma grande alegria: o lançamento do primeiro LP: *Luiz Gonzaga Jr.*, com dez composições de sua autoria, sem parceiro. Entre os hits: *Felicidade Bate à Sua Porta* e *Comportamento Geral* (trecho a seguir).

*Você deve notar  
que não tem mais tutu  
E dizer que não está preocupado*

*Gonzaguinha cantou Comportamento Geral no programa de TV de Flávio Cavalcanti, que comentou sobre a música: “Chata, rancorosa, pessimista, monótona, etc.”. Gonzaguinha ouviu tudo em silêncio, mas, antes de sair do palco, falou, impassível, ao microfone: “Vocês merecem”.*

Recados diretos e irônicos em letras como a de *Comportamento Geral* e posturas como a que teve no programa de Flávio Cavalcanti reforçavam o apelido de “cantor-rancor”, atribuído a ele pela imprensa paulista.

Mais tarde, seria incluso também no rol dos compositores malditos, classificação que mereceu uma declaração espirituosa do próprio à *Folha de S. Paulo* (1979): “Maldita é a situação, não eu”.

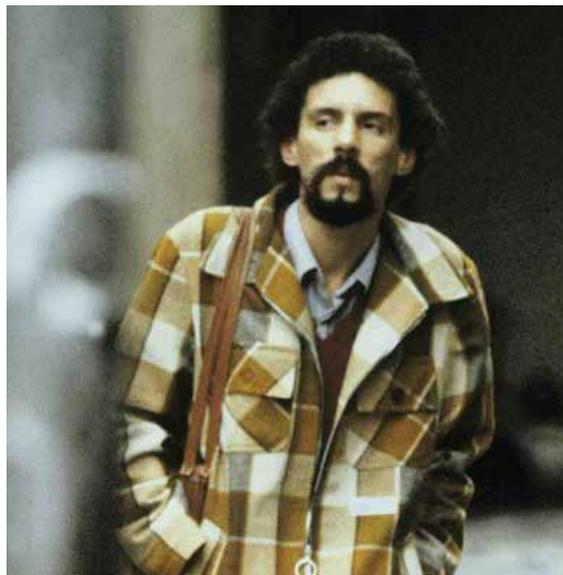
## Amargo e doce

O mau humor e os poucos sorrisos não eram apenas escudos contra o regime de ditadura que o país vivia ou contra a imprensa, mas um jeito próprio. Regina Echeverria relata que, em uma matéria que fez com ele para a

revista *Veja* (1979), viu dois personagens diferentes: na primeira entrevista, carrancudo, lacônico, seco; na segunda, “um doce”.

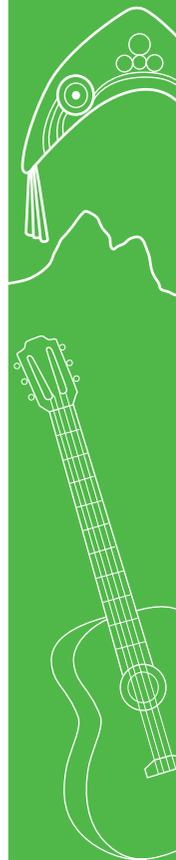
O segundo LP, *Luiz Gonzaga Júnior*, saiu em 1974, com dez músicas, sendo que apenas uma não era de sua autoria: *Assum Preto* (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira). Entre os destaques, *Galope* e *Pois É, Seu Zé!*.

Também nesse ano, nosso compositor contraiu tuberculose pela segunda vez, ficando um longo tempo “de molho”. O repouso aconteceu no apartamento da assessora de imprensa Ivone Kassu, em Copacabana, à base de canja e frutas frescas. Ele passava o dia descansando e à noite fazia música.



7. “Cantor-rancor”: um estigma que ele rompeu

Ele disse no livro *Gonzagão & Gonzaguinha – Encontros e Desencontros*, de Jonas Vieira e Simon Khoury: “Duvido que uma pessoa tenha passado oito meses convivendo com uma doença e saia dizendo que está numa boa. Pois eu saí. A última tuberculose me deixou marcas, mas foram marcas positivas... Porque pude refletir sobre a minha atividade. Entendi que estava transmitindo aos demais somente minha imagem agressiva e que isso era capitalizado pelos órgãos de imprensa, que queriam fazer de mim um estereótipo. Então, cuidei para que



no Gonzaguinha coubessem o lado agressivo e o lado carinhoso, de forma mais equilibrada, tentando tornar tudo mais fácil e mais acessível”.

Em 1975, saiu o LP *Plano de Voo*, com um dos clássicos de seu repertório: *Geraldinos e Arquibaldos*, em que usa como metáfora uma das paixões de seu coração vascaíno, o futebol, para tratar da falta de liberdade de expressão durante o regime militar:

*No campo do adversário  
É bom jogar com muita calma  
Procurando pela brecha  
Pra poder ganhar*

## Diferenças entre pai e filho

O fato de ser um dos compositores mais perseguidos pela censura só aumentou as desavenças entre ele e Gonzagão. Além da mágoa pela sua ausência na infância, ele não aceitava que o pai animasse festas do governo militar, e menos ainda que defendesse os generais que estavam no poder.

Anos depois, quando se reaproximaram, Gonzagão teria feito uma declaração citada por Regina Echeverria: “Eu o admirava, mas tinha medo que fosse dedurado por alguém, torturado, que sofresse muito”. No mesmo livro, há um depoimento emocionante de Gonzaguinha: “...nunca tive e não tenho a menor intenção de colocar na cabeça do meu pai o meu tipo de pensamento, porque não tenho esse direito. O dia em que eu abrisse a cabeça de meu pai e enfiasse alguma coisa acabaria com Luiz Gonzaga”.

## Moleque Gonzaguinha

O disco *Começaria Tudo Outra Vez* foi lançado em 1976, com músicas românticas como a canção-título e *Espere por Mim, Morena*. Nessa fase de um repertório mais romântico,

ele voltaria a refletir sobre as mudanças em seu temperamento: “Cheguei à conclusão de que não precisava ser tão amargo, tão agressivo, por isso fui mudando aos poucos. Agora, aos 30 anos, acho que estou inteiro no que faço, e podem me acusar de tudo, menos de não ter personalidade”.



8. Capa do LP *Moleque Gonzaguinha*

No ano seguinte, saiu o LP *Moleque Gonzaguinha*. *Recado*, sexto LP de sua discografia, foi lançado em 1978, tendo como destaque o samba-título e trazendo, ainda, a canção melancólica *Odaléia (Noites Brasileiras)*, em homenagem à mãe. *Gonzaguinha da Vida*, o sétimo LP (1979), saiu com quatro *hits*, entre eles o consagrado dueto com o pai em *A Vida do Viajante*:

*Minha vida é andar por esse país  
Pra ver se um dia descanso feliz  
Guardando a recordação  
Das terras onde passei*

Com esse disco, Gonzaguinha ganhou os prêmios de melhor compositor, de melhor música, com *Explode Coração* (trecho a seguir), e melhor show, pela Associação Paulista dos Críticos de Artes de São Paulo. O Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro o premiou com o troféu Golfinho de Ouro, como destaque da música em 1979.

*Chega de tentar dissimular  
E disfarçar e esconder  
O que não dá mais pra ocultar  
E eu não posso mais calar*

Originalmente intitulada *Não Dá Mais pra Segurar*, a canção *Explode Coração* teve uma conotação especial na época em que o Brasil vivia a anistia “ampla, geral e irrestrita”, como escreveu Regina Echeverria: “A letra podia ser cantada tanto para dores de amor como para o desabafo político. Paixão e consciência no mesmo balaio de sentimentos”.

Os anos 1980 começam com o lançamento do disco *De Volta ao Começo*, trazendo *Grito de Alerta*, *Sangrando*, *E Vamos à Luta*, entre outros destaques. Mas o grande marco de 1980 foi Gonzaguinha tomar a iniciativa de procurar pelo pai, inconformado com o ostracismo pelo qual passava Gonzagão, como relatou a Regina Echeverria. “Eu vou contar a sua história, pai. Isso vai começar daqui a três meses, e você pode parar tudo o que você está fazendo, que de agora em diante quem toma conta da sua carreira artística é o escritório (Ação Produções, que vinha administrando a carreira de Gonzaguinha).”

## Vida de Viajante



9. Turnê do show *Vida de Viajante*

Assim, em abril, começou a turnê *Vida de Viajante*, quando Gonzagão assumiu o apelido no aumentativo. Pai e filho viajaram pelo Brasil inteiro, reunindo plateias imensas. O registro dos shows sairia em 1981, no LP duplo *A Vida do Viajante*. Depois de mais de cem apresentações em um ano, eles enfim conseguiram colocar a conversa em dia e viraram grandes amigos, como escreveu o jornalista Paulo Wanderley no sítio oficial de Gonzaguinha: “Não houve reconciliação, houve compreensão”.

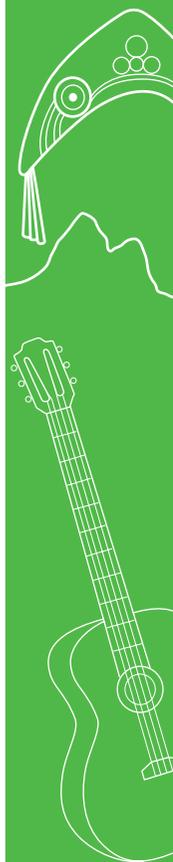
O LP *Coisa Mais Maior de Grande/Pessoa* (1981), com participações de outros artistas, trouxe a primeira gravação de *Eu Apenas e Queria que Você Soubesse*. Nesse mesmo ano, Gonzaguinha teve uma filha, Amora, de seu relacionamento extraconjugal com Sandra Pêra, irmã de Marília Pêra.



10. Com a mulher, Sandra, a filha, Amora, e Marília Pêra

Em 1982, foi lançado o LP *Caminhos do Coração*, com um dos maiores sucessos de Gonzaguinha, *O que É o que É* (trecho a seguir). Com sua letra otimista e ritmo de samba-enredo, o compositor se reposicionava diante do público, atestando explicitamente que já não era mais o “cantor-rancor”.

*Viver, e não ter a vergonha  
de ser feliz  
Cantar, e cantar, e cantar  
A beleza de ser  
um eterno aprendiz*



## Novo casamento



11. Com a terceira mulher, Lelete, e a filha do casal, Mariana

Dois fatos marcam o ano de 1983: o lançamento do disco *Alô, Alô, Brasil*, trazendo *Guerreiro Menino (Um Homem Também Chora)*, e o fim do casamento com Ângela. Gonzaguinha, então, se mudou para Belo Horizonte, onde, no mesmo ano, nasceu Mariana, filha dele e de Louise Margarete Martins, a Lelete, com quem veio a se casar.

Nos cinco anos seguintes, lançou quatro LPs: *Grávido* (1984), com o grande sucesso *Lindo Lago do Amor*; *Olho de Lince/Trabalho de Parto* (1985); *Geral* (1987); e *Corações Marginais* (1988), com destaque para o samba *É* (trecho a seguir).

*A gente quer valer o nosso amor  
A gente quer valer nosso suor*

No começo de 1989, ele perdeu sua madrinha-mãe, Dina. No meio do ano, participou, no Recife, do último show do pai, que, muito doente e debilitado, viria a falecer em agosto.

O 16º e último LP saiu em 1990: *Luizinho de Gonzagão, Gonzaga, Gonzaguinha*. Além de regravações de sucessos do pai, trouxe uma sequência de músicas juninas, que cantou com as filhas Amora, Fernanda e Mariana, e, ainda, a canção *Gonzaga*, homenageando o pai.

Em 29 de abril de 1991, durante uma turnê pelo Sul, Gonzaguinha sofreu um acidente em uma rodovia no Paraná, ao bater o carro

que dirigia de frente com um caminhão. Chegou a ser socorrido, mas faleceu no hospital. Em 1993, dois anos depois de sua morte, foi lançado o LP *Cavaleiro Solitário*, com os registros de shows realizados em seu último ano de vida; em 1996, foi encenado, no Rio de Janeiro, o musical-monólogo *Começaria Tudo Outra Vez*, do jornalista Dácio Malta; e, em 2006, saiu o livro *Gonzaguinha & Gonzagão – Uma História Brasileira*, de Regina Echeverria, pela Ediouro.



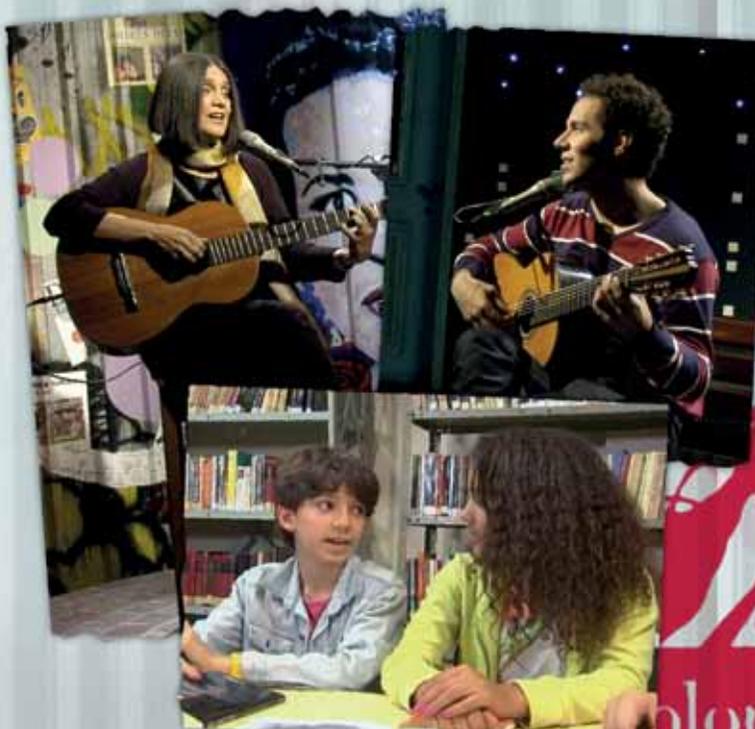
12. Luizinho de Gonzagão, Gonzaga, Gonzaguinha

No ano de 2012, homenageando o centenário de nascimento de Gonzagão, chegou aos cinemas o longa *Gonzaga – De Pai pra Filho*, de Breno Silveira, depois exibido na TV. No mesmo ano, foi lançado o livro *Gonzagão & Gonzaguinha: Encontros e Desencontros*, de Jonas Vieira e Simon Khoury. Em 2013, *Pequenos Notáveis* faz sua homenagem. Merecida!

# Dolores Duran

*Ai, a solidão vai acabar comigo/ Ai, eu já nem sei o que faço e o que digo/  
Vivendo na esperança de encontrar/ Um dia um amor sem sofrimento*

Trecho de *Solidão*. Segundo Dolores: "É a única música que compus para mim mesma"





1. Cantora e compositora que gostava também de ler, de escrever e de pintar

O viúvo Armindo José da Rocha tinha dois filhos (Hilton e Hilda) ao se casar com Josepha. Ela, por sua vez, era mãe de Adiléia (futura Dolores Duran), nascida em 7 de junho de 1930 e registrada por Armindo como se fosse sua filha. Seis anos depois, nasceria Irley, a caçula da família.



2. Josepha, mãe de Dolores, e Armindo, o padrasto

Seu Armindo era sargento da Marinha e passava a maior parte do tempo no quartel. Em casa, gostava de tocar violão e de dançar valsa com as filhas. Dona Josepha cuidava da casa e complementava o orçamento como costureira. Passava os dias cantando músicas de sucesso e improvisando versos sobre qualquer tema. O violão de Armindo, as melodias de Josepha e o rádio sempre ligado, sem dúvida, foram importantes na formação musical de Adiléia.



3. Fantasiada de baiana, aos 4 anos de idade

A menina soltou a voz pela primeira vez aos 5 anos, fantasiada de “anjo cantor”, quando desfilava no rancho, com os pais, durante o carnaval de 1935. Segundo sua mãe contou ao biógrafo Rodrigo Faour no livro *Dolores Duran – A Noite e as Canções de uma Mulher Fascinante*, ela “abriu um vozeirão que deixou toda a vizinhança de queixo caído”. Logo no ano seguinte, vencida o programa de calouros promovido por uma fábrica de louças no bairro de Pilares.

Em 1938, Adiléia contraiu febre reumática, uma doença inflamatória autoimune provocada por uma bactéria e que pode vir a resultar em uma cardiopatia, o que, de fato, aconteceu. O médico, além de recomendar cuidados especiais com a menina, avisou que talvez ela não chegasse à idade adulta.



Em depoimento a Rodrigo Faour, Irley disse que a irmã evitava tocar no assunto. “Vira e mexe, ela sacava uma piada. Fazia piada com tudo. E quando a gente falava da morte de alguém, de um assunto triste, sabe o que ela fazia? Tirava sarro e ficava fingindo que tocava violino cantarolando uma música triste, e depois dava risada.”

## Nota máxima

*Calouros em Desfile* era um programa da Rádio Tupi comandado por Ary Barroso, de quem falaremos nesta mesma publicação. Adiléia, aos 11 anos, concorreu cantando o bolero *Vereda Tropical*. E não é que o apresentador, conhecido pelo mau humor e pela defesa veemente da música brasileira, elogiou a voz da menina, a pronúncia do espanhol e ainda lhe deu a nota máxima?

No mesmo ano, ela participou de outra disputa radiofônica, *A Escada de Jacó*, apresentada por Lourival Reis. Após novo sucesso, a estrela mirim passou a integrar a caravana de cantores da Rádio Tupi, apresentando-se em shows de bairro, cinemas e circos. Na mesma época, começou a aprender violão, com professor particular.

*A vontade de ser violonista – atividade considerada “coisa de homem” –, e não bandolinista ou pianista, como faziam as mulheres de bem, já mostrava a vocação da moça para o pioneirismo.*

Depois de concluir o ensino primário na Escola Municipal República do Peru, no Méier, Adiléia quis dar um tempo nos estudos e passou a ajudar a mãe nas tarefas domésticas. Porém, mesmo afastada do dia a dia escolar, manteve a leitura e a escrita de contos e crônicas entre suas ocupações favoritas.



4. Com sua turma da Escola Municipal República do Peru

## Radioteatro

*A Hora do Guri* era um programa da Rádio Tupi que apresentava pequenos talentos. Ao participar da atração, Adiléia conheceu Gerdal dos Santos, futuro radialista que foi seu primeiro namorado. O namoro era vigiado de perto por Armindo e Josepha, que não permitiam nem beijo entre os adolescentes. Mas nem por isso o relacionamento foi menos intenso. Pelo menos para ela, que, aos 12 anos, escreveu, com caligrafia perfeita: “Uma história banal, um frívolo episódio, o que houve entre nós dois; coisas da mocidade...”, “Morreu assim o amor de que fomos indígnos”.



5. Aos 13 anos, atuando na peça *O Príncipe do Limo Verde*

Depois da Tupi, nossa notável passou pela Rádio Clube Fluminense e pela Cruzeiro do Sul, sempre atuando na dramaturgia. Apresentou-se, também, no projeto Teatro Infantil, entre 1942 e 1944, junto com Gerdal,



Nathalia Timberg e Daisy Lúcidí, em montagens como *A Gata Borralheira*, *O Menino Jesus*, *Branca de Neve* e *O Príncipe do Limo Verde*, entre outras. Esta última representou o ápice de sua breve carreira teatral, quando foi aplaudida de pé pelo teatro lotado após interpretar a valsa *Primavera*, de Afonso Henriques, com pedidos efusivos de bis.

“Quando Dolores cantava no Carlos Gomes ou no Teatro República, já se via sua voz privilegiada. Tinha uma extensão muito grande, cantava sem microfone”, lembra Daisy Lúcidí, em depoimento a Rodrigo Faour. Ela ficou publicamente conhecida como “a voz mais bonita do teatro infantil”.

## Música & arte

Frequentar teatros e programas de auditório era um hábito para Adiléia, sempre acompanhada de sua mãe, hábito esse que manteve com Irley, levando-a a concertos e ao cinema, principalmente para assistir aos musicais da Metro. Também lhe presenteava com livros de Monteiro Lobato e de história da arte. As duas cantavam juntas em casa; Adiléia fazendo a segunda voz. Segundo Irley, a irmã “tinha um espírito adiantado”, pois “gostava de coisas ligadas à cultura”.



6. Irley, a irmã mais nova, muito ligada a Dolores

Aos 16 anos, já se apresentando em clubes e na rádio de Duque de Caxias, começou a fazer aulas de piano e de canto, mas logo desistiu ao perceber que a professora queria formá-la cantora de ópera, o que estava longe de seus objetivos.



7. Com Maria Helena Raposo, companheira das aulas de canto

Com a morte do padrasto em 1948, aprendeu datilografia e foi trabalhar em uma loja, sem, contudo, desistir do sonho de ser cantora. Para isso, mudou-se para a casa de uma amiga, no bairro de Copacabana, onde se concentravam as principais boates da cidade.

Passou, também, a costurar e, assim, conheceu Heloísa Paes de Andrade, da alta sociedade local, que se encantou ao ouvi-la cantar enquanto experimentava roupas.

Junto com o marido, Lauro, Heloísa promovia saraus em casa, para os quais convidava pessoas influentes do meio musical, e ainda levava Adiléia aos apartamentos de amigos da alta sociedade e a programas de auditório das rádios. Foi do próprio Lauro a sugestão de um novo (e definitivo) nome artístico para a moça: Dolores Duran.

“Dolores era um nome latino e Duran, bem sonoro. Caía como uma luva para aquela ocasião em que a influência do bolero e dos ritmos latinos estava tão em alta no Brasil”, analisou Rodrigo Faour.

## Primeiras gravações

No apartamento do casal Raul Marques de Azevedo e Helenita, amigos dos Paes de Andrade, Dolores registrou sua voz, pela primeira vez, em um gravador, cantando *Body and Soul*, *Eu sem Você* e *Praça Mauá* (as duas últimas de Billy Blanco). Essas canções, junto com *How High the Moon*, *Cry Me a River* e *Hymne a l'Amour*, gravadas na casa de Geraldo Casé, saíram mais de 60 anos depois no CD *Dolores Duran entre Amigos* (2009), pelo selo Biscoito Fino.



8. De Adiléia Silva da Rocha a Dolores Duran

Além de se apresentar no programa *Gente Nova*, na Rádio Clube do Brasil, Dolores era *crooner* na boate Vogue, em Copacabana. Com seu repertório poliglota, fazia a abertura para as atrações principais, como Aracy de Almeida, Jorge Goulart, Linda Batista e artistas internacionais.

Logo, cativou a clientela seleta da boate e a imprensa, em cujas páginas começou a aparecer em 1949. O cronista Fernando Lobo escreveu no jornal *A Noite*: “O que é isto? – Dolores – Não acredito que os diretores de estações de rádio não tenham ouvido essa magnífica cantora que está atuando no Vogue...”.

Pouco depois, seria a vez de Acyr Boechat escrever, no mesmo jornal: “Dolores! Que nome bonito o diabo da menina tem! E como é bom a gente em casa, sentado numa poltrona macia, com um pijama completamente amigo e chinelo cara de gato esquentando os pés, ouvir-se o locutor dizer: ‘Dolores!’ E, depois, a menina cantou. E como cantou bem. Primeiro, uma composição francesa. Depois, cantou em castelhano. A seguir, em inglês. E a gente fica pensando que ela é clara, de olho azul aristocrático... Que é nascida na terra onde as mulheres se chamam Carmen ou Dolores. Onde multidões se entusiasmam vendo a morte do touro nos ‘redondéis’. Nada disso, a menina é moreníssima, tipo cabocla brasileira. Modesta, simples, de vestidinho comprado em Bangu”.



9. A cantora poliglota, de repertório eclético



A essa altura, convidada por Cesar de Alencar, virou contratada da Rádio Nacional – na época, a maior emissora da América Latina. Ao apresentá-la nos programas, ele dizia: “Dolores e seus candelabros!!!”, em referência aos brincos grandes e chamativos que a cantora gostava de usar. Mas seu apelido nos ambientes do rádio e da noite era Bochecha, por causa do rosto redondo e rechonchudo.



10. Com Cesar de Alencar e o conjunto de Ruy Rey

Em 1950, passou a dividir um apartamento com a cantora Julie Joy, também em Copacabana. Na convivência do dia a dia, as duas trocavam vestidos e indicavam uma à outra para algum trabalho.



11. Em casa, na rotina das atividades domésticas

## Só elogios

“Estou ouvindo por aí gente vendendo a imagem de Dolores solitária, triste. Não era nada disso. Pelo menos no tempo em que moramos juntas, que foi um longo período, nunca a vi nem triste, nem solitária, nem que tais. Era uma tremenda curtidora, tremenda alegria de viver. Talvez por causa das letras dela que ficaram para a história, a poetisa que havia dentro dela pudesse até passar isso. Pode ser que Dolores Duran fosse, mas Adiléia não era”, Julie Joy revelou a Rodrigo Faour.

Billy Blanco também falou ao biógrafo: “A Dolores chegava a qualquer parte, conversava com qualquer pessoa sobre qualquer assunto. Isso é difícil, viu? Principalmente uma mulher na condição de artista – ela mesma se dizia ‘uma cantorzinha de boate’. Eu era solteiro, andei arrastando asa para ela. Tivemos um namorico, e ela cortou: ‘Não dá, não! Você está se formando em Direito e eu sou uma crioulinha cantora de orquestra. Vá em frente!’”. O namoro virou uma grande amizade, e ela gravou a maior parte das composições iniciais de Billy.

Em 1951, a *Revista do Rádio* fez um perfil da cantora, descrevendo-a como “a garota que sonhou e venceu”, que “ninguém acreditava nela”, mas “cantava como gente grande” e era “uma artista primorosa de qualidades tão cintilantes”.

Depois de trocar a *Vogue* pela *Acapulco*, também em Copacabana, Dolores gravou, no final de 1951, seu primeiro 78 rotações, com *Que Bom Será* (Salvador Micelli, Paulo Marques e Aylce Chaves) e *Já Não Interessa* (Roberto Faissal e Domício Costa).

O segundo 78 saiu no ano seguinte com *Outoño* (Billy Blanco) e *Um Amor Assim* (Dora Lopes). No fim do ano, a gravação de *Outoño* seria apontada pela revista *Carioca* como a quarta melhor do ano.



12. Na boate Béguin, que ficava no luxuoso Hotel Glória

A cantora foi contratada pela boate Béguin, do luxuoso Hotel Glória, começando uma temporada que se repetiu durante três anos. Nas noites de calor, os músicos aproveitavam os intervalos das apresentações para ficar na praça em frente ao hotel. Era o momento de Dolores trocar beijinhos com seu namorado, o músico iniciante João Donato (17 anos, quatro a menos que ela), que frequentava o meio musical com seu acordeom desde os 14.



13. Com o namorado João Donato, na época músico iniciante

A essa altura, Dolores tinha trazido toda a família para morar com ela em um apartamento maior, também em Copacabana. Donato também vivia por lá. Sobre a namorada, ele falou a Rodrigo Faour: “Foi uma das pessoas mais doces e meigas que conheci. E a cantora mais moderna que vi aqui no Brasil para o tempo que viveu. Já cantava bebop numa época que ninguém sabia o que era isso. Não tinha outra cantora que chegasse perto em termos de

musicalidade, afinação, improvisação e modernidade. Ao se conversar com ela, a gente praticamente se apaixonava à primeira vista, e eu me apaixonei”.

Só não se casaram por oposição da família dele, especialmente da mãe, que achava o filho muito novo para isso.

## Turnê internacional

O novo disco, em 1954, tinha um clima mais intimista, com as canções *Tradição* (Ismael Silva) e *Bom É Querer Bem* (Fernando Lobo). O disco seguinte foi mais bem-sucedido, trazendo *O Amor Acontece* (dos irmãos Celso e Flávio Cavalcanti) e o primeiro grande sucesso de Dolores como intérprete: *Canção da Volta* (Antônio Maria e Ismael Netto, trecho a seguir).

*Nunca mais vou fazer  
O que o meu coração pedir  
Nunca mais vou ouvir  
O que o meu coração mandar*



14. Em apresentação na Rádio Carve, em Montevideú

Em fevereiro, ela fez sua primeira turnê internacional, viajando para Montevideú e Punta del Leste. A excursão se repetiria em 1956 e em 1958. Por aqui, a *Canção da Volta* era um *hit* na voz de Dolores. Sobre a cantora, o autor Antônio Maria publicou em sua coluna no jornal *O Globo*: “Pessoa de inteligência e sensibilidade e, como se isso fosse pouco,



de uma musicalidade fora do comum”, “seu prato predileto é tutu com carne-seca e couve à mineira” e “tem vontade de ir a Paris”.

A amizade entre os dois (ela o chamava de “Baiano”) vinha desde suas primeiras aparições na boate Vogue. Já o cronista Brício de Abreu escreveu, no jornal *A Noite*, que ela “tem como seu passatempo favorito pintar quadros e ler sobre pintura e pintores”.

De fato, Dolores lia compulsivamente, inclusive em inglês, francês e espanhol (idiomas nos quais era praticamente autodidata), e queria que Irley fizesse o mesmo. Costumava presentear-na com livros e mantinha a estante da casa repleta deles e de dicionários. Gostava também de anotar em um caderno algumas frases lapidares de grandes nomes que lia ou ouvia.



15. Cercada de livros, como ela mais gostava

## A saúde dá um susto

O ano de 1955 começou com o lançamento do 78 rotações que trouxe *Praça Mauá* (Billy Blanco) e *Carioca 1954* (Antônio Maria e Ismael Netto). Depois, veio o LP de dez pogramas *Dolores Viaja*, gravado em sete línguas: espanhol, francês, inglês, alemão, italiano, português e até esperanto.



16. Capa do LP *Dolores Viaja*

Era o mês de março, e Dolores, aos 24 anos, sofreu um infarto, de madrugada, ao chegar em casa. Ficou internada por duas semanas e, ao voltar do hospital, declarou à revista *Radiolândia*: “Agora já sei o que tenho e procurarei seguir os conselhos médicos: fumar menos, repousar o máximo e procurar o médico de tempos em tempos para um controle rigoroso do coração”.

Não seguiu nenhuma das recomendações e, no final do mês, estreou na casa noturna Baccarat, na Rua Duvivier, em Copacabana, no canto do bairro que logo depois seria conhecido como Beco das Garrafas e se tornaria um dos principais redutos da bossa nova no Rio.

*O nome “Beco das Garrafas” surgiu por causa das garrafas que os vizinhos atiravam pelas janelas de seus apartamentos em protesto contra a multidão barulhenta que se reunia do lado de fora das quatro casas noturnas do Beco: Baccarat, Little Club, Bottle’s Bar e Ma Griffe.*

Ainda nesse ano, fez a primeira parceria com Tom Jobim, na canção *Se É por Falta de Adeus*, que foi gravada por Doris Monteiro.

*Se é por falta de adeus  
Vá se embora desde já  
Se é por falta de adeus  
Não precisa mais ficar*



17. Com o marido Macedo Neto

Em julho, ela se casou com Macedo Neto, compositor e ator radiofônico. Na mesma época, saiu o 78 rotações com *Pra que Falar de Mim* (dele com Ismael Netto) e *Manias* (Celso e Flávio Cavalcanti, trecho a seguir).

*Dentre as manias que eu tenho  
Uma é gostar de você  
Mania é coisa que a gente  
Tem mas não sabe por quê*

## Sotaque nordestino

Investindo na música nordestina, Dolores gravou dois discos: um, com *Não Se Avenge Não* (Chico Anysio e Haydée de Paula) e *Nossos Destinos* (Luiz Vieira); outro, com *Na Asa do Vento* (Luiz Vieira e João do Vale) e *A Fia de Chico Brito* (Chico Anysio, trecho a seguir). Os críticos não gostaram da mudança no repertório, mas o público, sim. E ela saiu nas capas das principais publicações destinadas aos fãs de rádio: *Radiolândia* (três vezes), *Revista do Rádio* e *Clube dos Ritmos*.

*Sou filha de Chico Brito  
Pai de oito filho maior  
Nascida em Baturité  
Criada a carne de sol  
Sete home e eu mulher*

Logo foi lançado o segundo LP de dez polegadas, intitulado *Dolores Duran* (1956), com músicas já gravadas e outras que tinham acabado de sair em compacto, como *Zefa Cangaceira* (Chico Anysio) e *Pano Legal* (Billy Blanco).

Foi quando Dolores participou, cantando, dos filmes *Quem Sabe, Sabe*, de Luiz de Barros, vestida em trajes nordestinos, e *Rico Ri à Toa*, de Roberto Farias. E, em 1957, estreou na TV Rio, no programa *Caboclo*, e depois em *Noite de Gala*. Foi um ano de muita televisão, muito rádio e muitas turnês. Segundo seu biógrafo, ela seria a quarta cantora com mais participações na programação da Rádio Nacional no primeiro semestre de 1957.



18. Na TV Rio, como apresentadora de programas musicais

Os discos continuaram saindo com músicas de outros compositores: *Tá pra Acontecer* (Monueto, Ivan Campos e José Batista), *Minha Agonia* (Mirabeau, Paulo Gracindo e Waldir Rocha), *Tião* (Wilson Batista e Jorge de Castro) e *Estrada da Saudade* (Luiz Vieira e Max Gold). Foi quando retornou à boate Baccarat.





19. Capa do LP Dolores Duran Canta para Você Dançar

No final do ano, saiu o primeiro LP de 12 polegadas: *Dolores Duran Canta para Você Dançar*, com destaque para a música *Por Causa de Você* (dela com Tom Jobim).

*Ai, você está vendo só  
Do jeito que eu fiquei  
E que tudo ficou  
Uma tristeza tão grande*

Por Causa de Você teve mais de 150 regravações até hoje, sendo que 30 foram feitas em 1958, pelas cantoras Elizeth Cardoso, Ângela Maria, Maysa e Helena de Lima.

## Mãe adotiva



20. Com Macedo Neto e a filha adotiva Maria Fernanda

Em 1958, Dolores e Macedo Neto adotaram uma menina, a quem deram o nome de Maria Fernanda Virgínia da Rocha Macedo. A adoção mostrou o lado maternal de Dolores, que fazia questão de dar a comida, ninar, trocar fraldas e levar a pequena para passear, sempre a cobrindo de mimos e carinhos.



21. Em turnê na União Soviética, em 1958

No mesmo ano, a cantora participou da primeira caravana de artistas brasileiros à União Soviética. Mas, na última escala, Tchecoslováquia, ela se sentiu mal do coração e ficou em observação por 24 horas. Já na União Soviética, se apresentou vestida de baiana, com afoxé na mão, cantando música nordestina no repertório-miscelânea que terminava com *Cidade Maravilhosa* (André Filho) e *A Voz do Morro* (Zé Kéti).

Na volta, teve seu contrato rescindido com a Rádio Nacional, por ter dado a primeira entrevista depois da turnê a uma emissora concorrente. Mas seguiu firme e forte na TV Rio, com o programa *Visitando Dolores*, em que recebia e cantava com amigos, e também como uma das atrações do *Noite de Gala*, ao lado de Maysa e Marisa Gata Mansa.



22. Abraçada à amiga e também cantora Marisa Gata Mansa

Foi também em 1958 que houve a gravação por Agostinho dos Santos de *Estrada do Sol* (Dolores e Tom), que se transformaria em um clássico da MPB, e o lançamento do LP *Dolores Duran Canta para Você Dançar nº 2*, com repertório poliglota, sambas como *Escurinho* (Geraldo Pereira) e *Conversa de Botequim* (Noel Rosa e Vadico), além de duas composições próprias: *Não Me Culpe* (com Ribamar) e *Solidão*, sobre a qual ela disse: “É a única música que compus para mim mesma”. Talvez fosse uma referência ao casamento com Macedo Neto, que já não andava bem antes da viagem à Rússia e, na volta, degingolou de vez.

No fim do ano, ela deixou a Baccarat, indo para o vizinho Little Club. Lá, escreveu os versos de *Me Deixa em Paz*, depois da abordagem impertinente de um frequentador/fã que não largava de sua mesa. Outra música nascida de um fã inconveniente no mesmo Little Club foi *A Banca do Distinto*, de Billy

Blanco para ser cantada por Dolores. A primeira gravação da música saiu em 1959, no compacto duplo (póstumo) *Dolores Duran no Michel de São Paulo*.



23. No Little Club, com Ronaldo Zarella, Edinho, do Trio Irakitan (atrás de Zarella), Ary Barroso e Marisa Gata Mansa

São ainda de 1958 as primeiras gravações de futuros sucessos de Dolores, como *Castigo* e *A Noite do Meu Bem*.

### **Castigo**

*A gente briga  
Diz tanta coisa  
Que não quer dizer*

### **A noite do meu bem**

*Hoje eu quero a rosa  
Mais linda que houver  
E a primeira estrela que vier  
Para enfeitar a noite do meu bem*

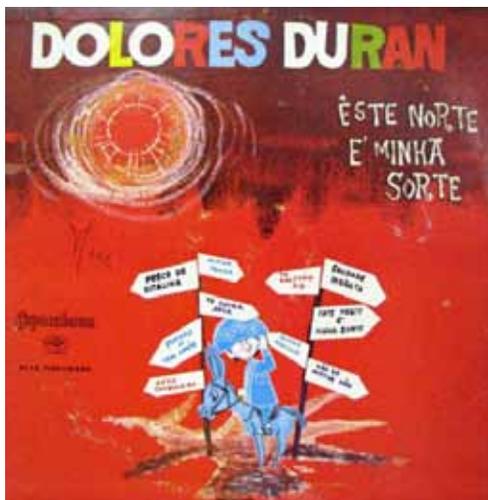
## **Despedida**

Dolores começou 1959 compondo *Volte num Dia de Chuva*, *Arrependimento* e *Sou Toda Tua* (as três com Fernando Cesar) e *Deus Me Perdoe* e *Olhe o Tempo Passando* (com Edson Borges). Em abril, ela viria a admitir, para a *Revista do Rádio*, a separação de Macedo Neto: “Estamos realmente nos últimos detalhes do desquite”. Fato consumado, a cantora teve um romance rápido, mas marcante, com um estudante, que inspirou a canção *Fim de Caso*.



*Eu desconfio  
Que o nosso caso  
Está na hora de acabar*

No mesmo ano, foi lançada outra música sua: *Ideias Erradas*, ao mesmo tempo por Carlos Galhardo, Ivon Cury, Vera Lucia e Trio Irakitan. O sexto e último LP de Dolores, *Este Norte É Minha Sorte*, só com músicas nordestinas, saiu em 1959.



24. Capa do último LP, *Este Norte É Minha Sorte*

Na manhã de 24 de outubro, ao chegar em casa depois de ter cantado no Little Club, esticado no Clube da Aeronáutica e no Kilt Club, encontrou Maria Fernanda já acordada. As duas brincaram e tomaram banho juntas. Antes de deitar, Dolores avisou à empregada: “Rita, querida. Estou muito cansada. Vou para a cama e não quero ser incomodada. Se alguém telefonar, não me chame. Quero dormir até morrer!”.

No final da tarde, ela foi encontrada morta em sua cama, vítima de um infarto fatal. Dolores tinha 29 anos.

## Homenagens de amigos

Dois anos depois, em 1961, Isaurinha Garcia lançou *O que É que Eu Faço*, parceria póstuma de Dolores com Ribamar, que musicou outras seis letras da amiga, entre elas

*Ternura Antiga*. Em 1960, outros amigos compuseram em sua homenagem: Baden Powell e Billy Blanco fizeram *Samba Triste*, e Antônio Maria, *O Amor e a Rosa*. Em 1974, foi reencenado o espetáculo *Brasileiro: Profissão Esperança*, com músicas de Dolores Duran e Antônio Maria interpretadas pela cantora Clara Nunes e o ator Paulo Gracindo. O espetáculo ficou sete meses e meio em cartaz no Canecão e foi lançado em disco.

Sete anos depois, Marisa Gata Mansa encontrou nos guardados da amiga a letra de *O Negócio É Amar*, junto com o telefone de Carlos Lyra. O recado estava dado, e ele fez a música que até hoje é sucesso (trecho a seguir).

*Tem gente que ama  
Que vive brigando  
E depois que briga  
Acaba voltando*

Mais duas grandes homenagens: o musical *Dolores* (1999), de Douglas Dwight e Fátima Valença, que resultou no CD *Dolores – Um Musical*; e o episódio dedicado a ela na série *Por Toda a Minha Vida*, da TV Globo (2008).



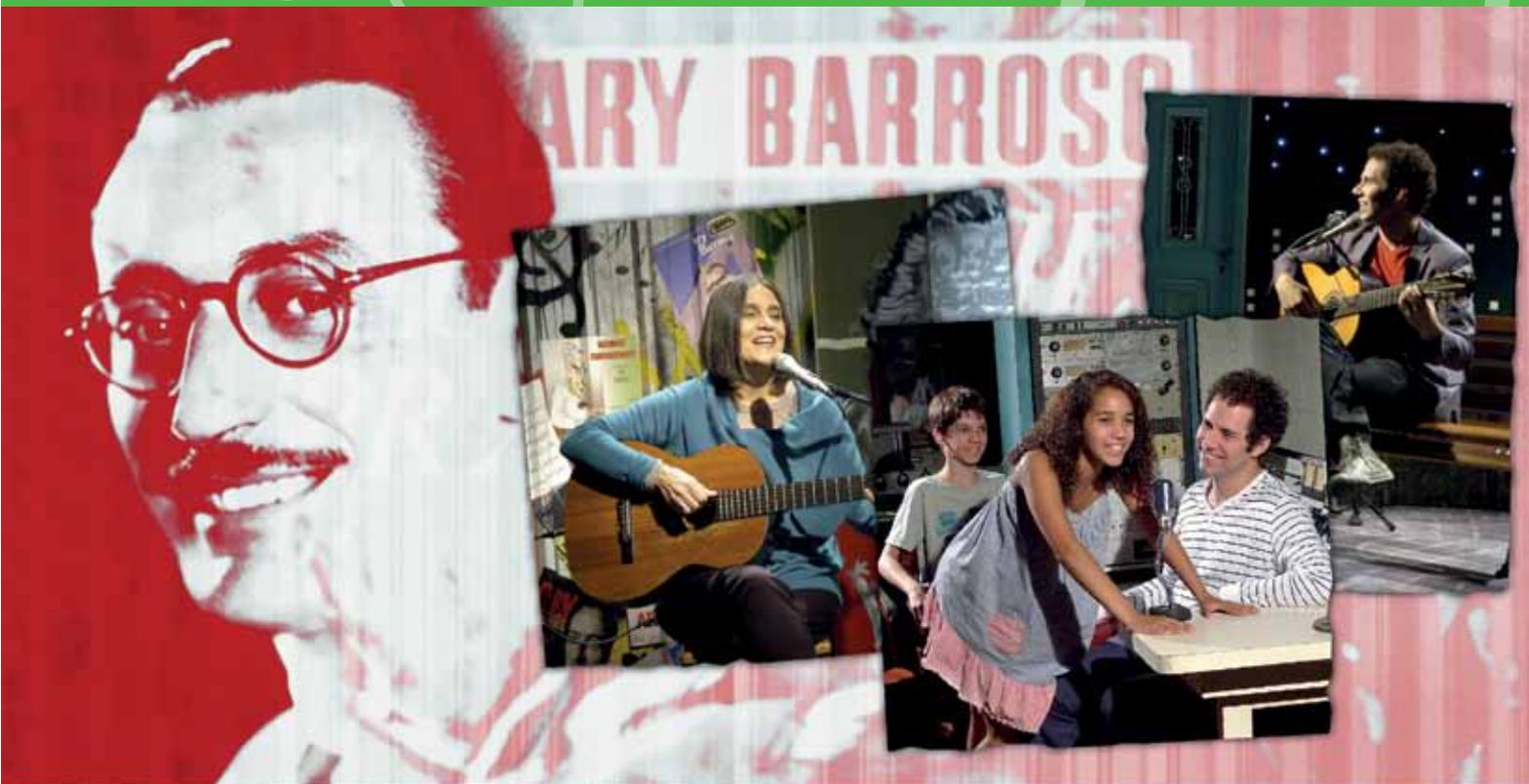
25. Dolores Duran, uma mulher fascinante

Em 2012, foi lançada pela Editora Record a biografia *Dolores Duran – A Noite e as Canções de uma Mulher Fascinante*, escrita por Rodrigo Faour.

# Ary Barroso

*Because don't have Flamengo here.*

Com essa frase, ele recusou o convite para ser diretor musical da Walt Disney Productions, nos Estados Unidos, como conta Sérgio Cabral na biografia *No Tempo de Ari Barroso*





1. Os amigos Antonio Maria, Ary Barroso e Vinicius de Moraes

Ary Evangelista Barroso nasceu em casa, na cidade de Ubá (MG), em 7 de novembro de 1903, filho do advogado João Evangelista Barroso e da dona de casa Angelina de Rezende Barroso.



2. Os pais: João Evangelista e Angelina

“Fui um garoto insuportável”, declarou no livro *Recordações de Ary Barroso – Último Depoimento*, de Mário de Moraes. Entre as travessuras narradas, contou que uma noite ele e um amigo foram às ruínas da Igreja de São José e amarraram o sino no rabo de um cavalo que descansava. Como o local tinha fama de mal-assombrado, a população entrou em pânico, imaginando que o sino estava badalando sozinho. Ao descobrirem que era “obra do cavalo”, culparam o dono do animal, que foi preso até que Ary e o amigo confessassem a estripulia.

Antes ainda de completar 8 anos, o menino perdeu os pais, ambos vitimados por tuberculose. Foram nomeados seus tutores o tio

Juca e a avó Gabriella. Esta morava com a filha Rita, a tia Ritinha, que era professora de piano e viria a dar aulas para o sobrinho.



3. O menino Ary, aos 8 anos

Com 10 anos, Ary jogava bola, subia em árvores, corria pelas ruas com os amigos e montava cirquinho. Usando caixotes, lençóis e outras bugigangas, armava o seu espetáculo, em que a grande atração eram os gatos equilibristas, que atravessavam sobre arames de uma ponta a outra do picadeiro. Caixinhas de fósforos com bandeiras de vários países (que ele colecionava) valiam como ingresso. A paixão pelo circo era tamanha que ele assistia a todos que passavam pela cidade.

## Pianista e compositor

Com tanta diversão, tudo o que o menino não queria era passar três horas por dia estudando piano com tia Ritinha. “Nunca imaginei

que aquele martírio acabasse me dando os meios para ganhar a vida”, desabafou um dia, conforme publicou Sérgio Cabral na biografia *No Tempo de Ari Barroso*.

Mas a verdade é que, antes dos 14 anos, nosso notável era fluente em Chopin, Wagner, Beethoven e outros compositores clássicos. Antes disso, aos 12, tinha começado a trabalhar como pianista, revezando-se com a tia no Cine Ideal.

*Os filmes eram mudos e acompanhados por um pianista dentro da sala de exibição. “Nos intervalos, molhava-se a tela, evitando, assim, um incêndio, pois a projeção era muito quente, a carvão”, contou o jornalista Mário de Moraes.*

De pianista a compositor. Em 1918, fez sua primeira música, *De Longe*, rebatizada mais tarde como *Nosso Amô Veio dum Sonho* e gravada por Carmen Miranda em 1932.

Com os amigos, Ary deu os primeiros passos na boemia. Um deles, Mário de Azevedo, foi fundador e presidente do bloco Ubaenses Gloriosos, cujo lema era *A esmorecer, mil vezes morrer!* e para o qual Ary compôs um hino: *Ubaenses gloriosos/ Que não têm rivais/ Destemerosos/ São sempre os leais*.

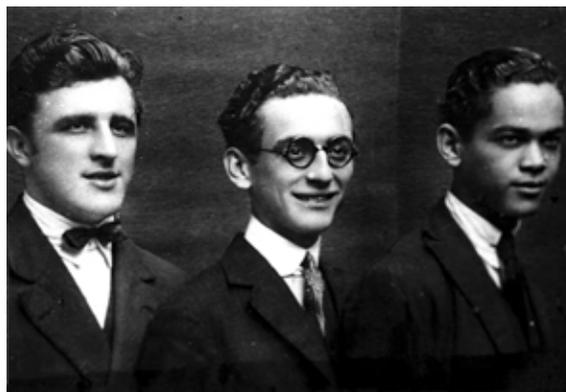
## Na Cidade Maravilhosa

Na primeira viagem ao Rio de Janeiro, no ano de 1919, se impressionou com o tamanho da estação ferroviária da Leopoldina, se assustou com a quantidade de pessoas que viu na rua, ficou maravilhado com a beleza da Avenida Rio Branco, que, no primeiro dia, andou de ponta a ponta, parando no Passeio Público, onde passou a tarde inteira. E se apaixonou pelo mar.

Em entrevista à revista *Vida Doméstica* (1956), destacou as lembranças carnavalescas que guardou dessa primeira vez no Rio: “Estava hospedado no Rio Palace Hotel, ali no Largo de São Francisco, esquina de Andradas – creio que não mais existe o hotel. Os Fenianos estavam localizados na Travesa de São Francisco, os Democráticos na Rua do Teatro e os Tenentes na Rua dos Andradas. O Largo de São Francisco era a capital carnavalesca do Rio de Janeiro. Eu estava na janela, por volta das nove horas da noite, quando, pela Rua Luís de Camões, vindo da Avenida Passos, veio um grande cordão, um desses ranchos. Vinham cantando uma valsa em ritmo de marcha de rancho. Foi uma coisa impressionantemente bonita”.

## Mudança de Ubá

Depois de passar por seis colégios, finalmente terminou o ensino ginásial, aos 18 anos. Imediatamente, veio para o Rio de Janeiro, trazendo a herança que recebeu pela morte do tio e que dava, de sobra, para se manter na cidade, se formar advogado (conforme planejava) e começar a vida com uma boa reserva.



4. Ary e seus amigos da juventude

Em 1922, entrou para a Faculdade de Direito da UFRJ, mas, dois anos depois, percebeu que o dinheiro da herança tinha ido embora em noitadas e compra de roupas nas melhores lojas da época. A solução foi fazer faculdade de manhã e trabalhar, à tarde e à noite, como pianista nos cinemas Íris e Odeon.



Sobre a atividade, diria à revista *Manchete*, em 1962: “Tenho orgulho do tempo em que fui pianista de cinema. Os filmes eram mudos e ninguém podia suportá-los sem acompanhamento musical: valsas suaves e românticas nos momentos dos beijos e dos idílios, marchas heroicas nas cenas de batalha. Tenho orgulho porque, para comer, poderia ter furtado, tomado dinheiro emprestado para não pagar ou feito bandalheiras parecidas. Ao contrário disso, fiz do piano minha enxada. E valeu a pena”.

## Nas jazz-bands

Depois de tocar piano na orquestra que se apresentava na sala de espera do Teatro Carlos Gomes, foi convidado a integrar as *jazz-bands*, que também animavam as salas de espera de teatros e cinemas. Na época, começou a namorar Yvonne Belfort Arantes.

Afastado da Faculdade de Direito desde 1925, seguiu como pianista. Em 1926, formou a própria *jazz-band*. Nas horas vagas, compunha. Quando voltou à cidade, entrou para a American Jazz, com a qual se apresentou até 1930. Mas, dois anos antes, voltou à faculdade, onde conheceu Mário Reis, que também se dividia entre o samba e os livros de Direito. Mário gravaria de Ary: *Vou à Penha*, *Vamos Deixar de Intimidade* e *Outro Amor* (parceria com Claudionor Machado).

No ano seguinte, conheceu a terra que inspiraria tantos de seus sucessos: a Bahia. Foi-se apresentar lá e voltou impactado, como revelou à revista *Manchete* anos depois: “Os seus ritmos, os seus candomblés, suas capoeiras, sua gente, em geral, foram uma revelação para mim”.

Na chegada ao Rio, recebeu uma encomenda urgente: a de escrever, de um dia para o outro, seis músicas para o espetáculo *Laranja da China*, um dos grandes sucessos do teatro de revista naquele ano. Aracy Cortes,

maior atriz do gênero da época, interpretou três composições de Ary: *Vou à Penha*, *Vamos Deixar de Intimidade* e *Febre Azul* (primeira parceria com seu letrista mais constante, Luís Peixoto).

Depois, veio a revista *Vamos Deixar de Intimidade* (mesmo nome de sua composição), com o novo sucesso de Ary (com Olegário Mariano): *Tu Qué Tomá Meu Home*, cantado também por Aracy Cortes. Em um tempo em que o teatro de revista era o principal meio de divulgação de músicas, estava feita a estreia de Ary nos palcos da capital federal.

*Foi em 1929 que Ary Barroso passou a usar o bigode fininho que o acompanharia pelo resto da vida. Foi também quando se engajou na campanha presidencial de Getúlio Vargas e promoveu Yvonne de namorada a noiva.*

O concurso de músicas carnavalescas da Casa Edison, em 1930, teve Ary Barroso como vencedor, com a marchinha *Dá Nela*. Além da autoconfiança e do orgulho, a vitória no concurso rendeu um dinheiro que ele usou para se casar com Yvonne, em fevereiro daquele ano.



5. O casamento com Yvonne Belfort Arantes

Foi o ano também da formatura na Faculdade de Direito. Ary continuou trabalhando com música e emendando um *hit* atrás do outro, como *No Morro* (com Luís Iglesias), também conhecida como *Eh eh* (1930). A música seria lançada oito anos depois por Carmen Miranda, em dueto com Almirante, com um novo título, *Boneca de Piche*, e mudanças em trechos da letra original. *Faceira, Maria* (parceria com Luis Peixoto) e *No Rancho Fundo* (com Lamartine Babo) foram os grandes sucessos de 1931. *Rancho Fundo*, que surgiu como *Na Grotta Funda*, de Ary com o caricaturista J. Carlos, foi inclusa no repertório da revista *Esse Mulato Vai Sê Meu*. Lamartine Babo foi assistir ao espetáculo, adorou a música, mas não a letra. Fez, então, novos versos e passou a divulgá-los no rádio, com o título *No Rancho Fundo*, que ficou mais conhecida do que a original.

### **Na Grotta Funda**

*Na grotta funda*

*Na virada da montanha*

*Só se conta uma façanha*

*Do mulato da Raimunda*

### **No Rancho Fundo**

*No Rancho Fundo*

*Bem pra lá do fim do mundo*

*Onde a dor e a saudade*

*Contam coisas da cidade...*



6. Yvonne e os filhos Mariúza e Flávio Rubens

Também em 1931, nasceu Flávio Rubens, o primeiro filho de Ary com Yvonne. Três anos depois, chegava a menina Mariúza.

O teatro de revista já não lhe dava o mesmo prestígio, e Ary foi para o rádio, estreando como pianista fixo do programa *Horas de Outro Mundo*, apresentado por Renato Murce (1933). Logo estaria escrevendo quadros cômicos para a atração e até dividindo o microfone com o apresentador. Ao mesmo tempo, tornou-se diretor da orquestra do Teatro Alhambra, na Cinelândia.

Em 1934, lançou três belíssimos sambas-canção: *Na Batucada da Vida* (com Luís Peixoto), *Tu e Caco Velho*. E estreou no cinema como responsável pela trilha de *Favela dos Meus Amores*, de Humberto Mauro.

Um dos maiores sucessos do carnaval de 1935 foi a marchinha *Grau Dez* (com Lamartine Babo, trecho a seguir). Nesse mesmo ano, fez *Foi Ela*, *Inquietação* e *Por Causa Desta Cabocla*, além do primeiro *jingle*. Começou a trabalhar como colunista de jornal.

*A vitória há de ser tua, tua, tua*

*Morenininha prosa*

*Lá no céu a própria lua, lua, lua*

*Não é mais formosa*

Depois de uma rápida passagem pela Rádio Cosmos, em São Paulo, ele voltou ao Rio, direto para a Rádio Cruzeiro do Sul (1936). Com o novo salário, mudou-se para uma casa de vila em Botafogo e comprou um carro Ford, a bordo do qual a família desfilou fantasiada no carnaval (ele, vestido de mulher), pelos bairros de Copacabana, Botafogo e Centro.

Na rádio, criou o humorístico *Fortaleza d'Aquém e d'Além-Mar*, atuando também no programa romântico *Para a Sua Sensibilidade*, lendo as crônicas diárias que o radialista Paulo Roberto escrevia. No final do ano, narrou a partida decisiva da Liga Carioca, em



substituição a Afonso Scola, locutor esportivo oficial da rádio, que adoeceu. Com um jeito todo especial de transmitir o jogo, misturando informações com opiniões pessoais e frases de efeito, Ary agradou em cheio e foi efetivado na função. Logo depois, criou um programa esportivo diário chamado de *Esportes na Batata*.

A versatilidade no meio radiofônico ainda foi mais longe: ele passou a comandar o *Calouros em Desfile*. Com sua franqueza rascante, a capacidade de improvisação e o jeito implacável de eliminar os maus calouros (inicialmente com um sino), ganhou popularidade e audiência. Pelo programa, passaram nomes como Ângela Maria, Lúcio Alves, Luiz Gonzaga, Miltoninho, Elza Soares, Carmélia Alves e Dolores Duran, entre outros.

Ary não parava de compor. Para o espetáculo de revista *Maravilhosa*, fez, entre outros sucessos, o samba *No Tabuleiro da Baiana* (trecho a seguir), em 1936. No ano seguinte, Carmen Miranda lança a marchinha *Eu Dei*, também de nosso notável.

*No tabuleiro da baiana tem  
Vatapá, oi... Caruru  
Mungunzá, oi...*

## A gaita do Ary



7. Com a famosa gaitinha, usada para anunciar os gols

Era o ano de 1938, e ele criou uma de suas marcas registradas como locutor esportivo: soprar uma gaitinha sempre que saía um gol. Na época, não havia cabine de rádio e os jogos eram narrados de uma mesinha que, muitas vezes, ficava junto à torcida. Com isso, os gritos dos torcedores abafavam a voz do locutor sempre que acontecia um lance importante, e os ouvintes ficavam sem saber o desfecho da jogada.

Com a gaitinha do Ary, pelo menos, entendiam que havia saído um gol. Sobre o assunto, Sérgio Cabral comentou em seu livro: “Foi, sem dúvida, um extraordinário sucesso, apesar da escandalosa parcialidade do locutor: dali em diante, nos gols do Flamengo ele soprava muito mais tempo do que naqueles marcados pelas demais equipes”.

Da Cruzeiro do Sul, foi para a Tupi, onde passou a atuar como locutor esportivo, diretor do departamento de esportes, pianista, redator de quadros humorísticos e apresentador dos programas *Esportes Tupi* (criado por ele) e *Calouros em Desfile*. Neste último, substituiu o antigo sino por um gongo, para anunciar a eliminação dos maus calouros.



8. O gongo usado no programa *Calouros em Desfile*

Musicalmente, o ano de 1939 pode ser considerado o divisor de águas em sua carreira de compositor, com o lançamento do samba-exaltação *Aquarela do Brasil* (trecho a seguir). A música foi cantada pela primeira vez na revista *Entra na Faixa*, de Ary Barroso e Luís Iglesias. Mas o sucesso mesmo veio dois meses depois, com a gravação por

Francisco Alves, com arranjo de Radamés Gnattali e acompanhamento de orquestra. O samba ganhou repercussão internacional com a versão em inglês para o filme *Alô, Amigos!*, de Walt Disney (1942).

*Brasil, meu Brasil brasileiro  
Meu mulato inzoneiro  
Vou cantar-te nos meus versos  
O Brasil, samba que dá  
Bamboleio, que faz gingar*

Também em 1939, o público ouviu pela primeira vez *Camisa Amarela* (trecho a seguir), na gravação de Aracy de Almeida, que cita dois grandes sucessos do carnaval daquele ano: *Florisbela* (Nássara e Eratóstenes Frazão) e *A Jardineira* (Benedito Lacerda e Humberto Porto). Outra canção de Ary, *Iaiá Boneca*, também fala de dois hits carnavalescos do ano: *Tirolesa* (Oswaldo Santiago e Paulo Barbosa) e, mais uma vez, *A Jardineira*.

*Encontrei o meu pedaço  
Na avenida  
De camisa amarela  
Cantando a Florisbela*

Entre 1941 e 1945, ele emplacaria *Os Quindins de Iaiá*, *Qué qué qué ré* (com Álvaro Carvalho), *Morena Boca de Ouro* (trecho a seguir), *Isto Aqui o que É, Pra Machucar Meu Coração*, *Terra Seca* e *Eu Nasci no Morro*.

*Morena boca de ouro  
Que me faz sofrer  
O teu jeitinho é que me mata  
Roda morena, vai não vai  
Ginga morena, cai não cai*

## Nos Estados Unidos

A convite da Republic Pictures, Ary viajou aos EUA (1944) com o objetivo de conhecer Hollywood e compor para a trilha do filme *Brazil*, em fase de produção. Nos três meses

que passou lá, fez cinco músicas: *Rio de Janeiro*, *Café*, um choro sem título, *Vaquero's Song* e *Tonight You're Mine* (aqui rebatizada de *Quando a Noite É Serena*).



9. Com Walt Disney, nos estúdios Disney em Hollywood

De volta, continuou as atividades de compositor, radialista e negociador de jogadores para o Flamengo. A paixão pelo time, aliás, foi o motivo pelo qual recusou o convite de Walt Disney para ser diretor musical da Walt Disney Productions. Em seu inglês nada fluente, ele teria dito: “Because don’t have Flamengo here”, segundo relato de Sérgio Cabral.

## Ary vereador

Em 1947, foi eleito vereador pela União Democrática Nacional (UDN), sendo o segundo candidato mais votado do partido. “Não se derrubam casas de pobres para abrir ruas de ricos”, dizia o *slogan* de sua campanha.

Entre os projetos que apresentou, estão: uma linha de bondes para o Leme, a volta das bandas musicais às praças e a coleta seletiva de lixo. Conseguiu, também, convencer a Câmara Municipal a aprovar a



construção do Estádio Municipal, a ser erguido no bairro do Maracanã, para abrigar os principais jogos da Copa do Mundo de 1950, que seria sediada no Brasil.

Inaugurado em 16 de junho de 1950, o Estádio Municipal Mendes de Moraes (nome do prefeito do Rio na época) seria rebatizado de Estádio Jornalista Mário Filho em 1966, em homenagem ao responsável pela maior campanha na imprensa em prol da construção do estádio, nas páginas do *Jornal dos Sports*, de sua propriedade.

## Novos programas de rádio

No carnaval de 1948, o samba *Falta um Zero no Meu Ordenado* (parceria com Benedito Lacerda) contribuiu para que Ary Barroso liderasse a lista dos compositores que mais arrecadaram no biênio 1947/48. A melhora financeira possibilitou que a família comprasse um terreno no Leme e construísse uma casa com vista para a praia de Copacabana.



10. Em Copacabana, o bairro que elegeu para morar

O mandato de vereador terminou em 1950, quando estrearam dois programas de auditório na Tupi: *Seja Parceiro de Ary Barroso*, apresentado por Fernando José e Osvaldo Luís, no qual os ouvintes enviavam

poemas para serem selecionados e musicados por Ary; e *Toque, Maestro*, em que pessoas da plateia assobiavam um trecho de uma música gravada e Ary e os outros músicos deveriam dizer o nome e o autor da canção. Se não soubessem, o que assoviou ganhava um prêmio em dinheiro.

Foi o ano também da Copa do Mundo, e Ary dividiu as transmissões das partidas com o amigo Antonio Maria. A vitória uruguaia sobre o Brasil foi um golpe para ele. Naquela noite, não foi à Tupi comandar a resenha esportiva e, de tão decepcionado, resolveu abandonar a carreira de locutor esportivo. Dali em diante, seu envolvimento com o futebol se resumiu à torcida e à participação na vida política de seu adorado Flamengo.

Dois anos depois, Aurora Miranda lançou o samba-canção *Risque*, um grande sucesso.

*Risque*  
*Meu nome do seu caderno*  
*Pois não suporto o inferno*  
*Do nosso amor fracassado*

## Estreia na TV

A versão televisiva de *Calouros em Desfile*, na Tupi (1951), era apresentada por ele, semanalmente, de diferentes clubes cariocas. Depois, nosso notável criou *Nos Bastidores do Esporte* e *Encontro com Ary*, no qual recebia convidados.

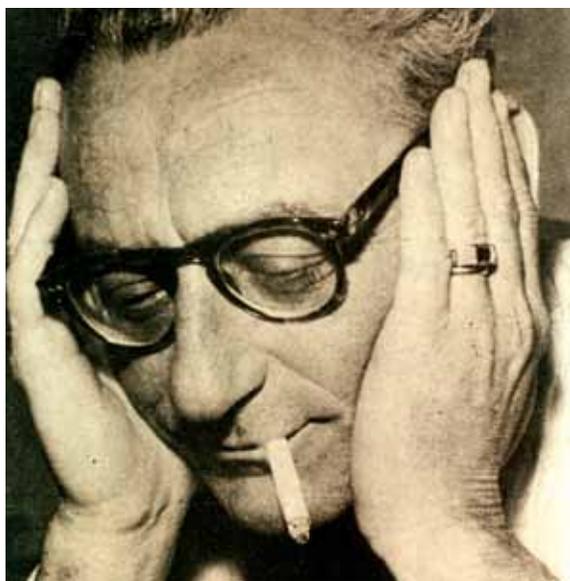
Paralelamente aos programas de TV, passou a escrever shows de boate. O primeiro foi *Quem Inventou o Carnaval?*, no Night and Day. A façanha se repetiria até 1955, com um novo show a cada ano.

*Folha Morta*, o novo samba-canção, foi gravado por Dalva de Oliveira no mesmo ano (1953) em que ele excursionou com sua “orquestra-espetáculo” pela Venezuela e pelo México, fazendo o maior sucesso.

De volta ao Brasil, assinou com o sistema Record de rádio e TV e passou a apresentar o programa televisivo *Ary Barroso e Sua Orquestra*. Nesse mesmo ano, foi eleito o melhor compositor no concurso dos melhores do rádio, da *Revista do Rádio*. Também em 1953, saiu o LP de dez polegadas *Orlando Silva Canta Ary Barroso*, uma homenagem do famoso cantor ao também famoso compositor.

Em 1955, retomou a atividade de locutor esportivo e se apresentou na boate do Hotel Plaza. Trajando *smoking*, contava histórias e tocava piano, acompanhado pelo cantor Ernani Filho, que iniciava sua carreira e que, dali em diante, seria uma espécie de “intérprete oficial do repertório de Ary Barroso”.

## Aposta infeliz



11. Com o bigode raspado depois de perder uma aposta

Em um Fla-Flu, no ano de 1955, Ary apostou com o tricolor Haroldo Barbosa que rasparia o bigode caso o Flamengo perdesse. E perdeu. Coube ao próprio Haroldo “fazer o serviço”, que foi amplamente divulgado na imprensa, inclusive na revista norte-americana *Time*.

O ano de 1956 marcou a contratação pela Rádio Nacional. No ano seguinte, estreou no Night and Day o show *Mister Samba*, sobre a

vida de Ary Barroso, com a participação de Aurora Miranda, Grande Otelo e Elizeth Cardoso, entre outros. Elizeth foi a mais aplaudida da noite, cantando o samba que Ary tinha composto (com Luís Peixoto) especialmente para o show: *É Luxo Só* (trecho a seguir).

*Olha, esta mulata quando dança  
É luxo só*

Na saúde, nem tudo vai tão bem. Ary precisou ser operado de uma úlcera e teve que se afastar temporariamente da vida noturna até se recuperar. Logo que entrou em forma, passou a frequentar o recém-inaugurado restaurante La Fiorentina, na Avenida Atlântica, próximo de sua casa. Lá e na também vizinha cantina Sorrento, se reunia com os amigos para longas conversas.



12. A estátua na calçada do La Fiorentina, no Leme

## Homenagem em Ubá

A mudança para a TV Rio foi em 1958, onde passou a apresentar, com Antonio Maria, o programa *Rio, Gosto de Você*, além do já tradicional *Calouros em Desfile*. Na mesma época, lançou dois LPs: *Meu Brasil Brasileiro* e *Ary Caymmi, Dorival Barroso*, com os dois amigos, um cantando as músicas do outro. No fim do ano, recebeu uma homenagem da prefeitura de Ubá, que deu seu nome a uma avenida. Para o evento, levou uma caravana de amigos do Rio de Janeiro.



*Saiu o LP Chega de Saudade, de João Gilberto, trazendo É Luxo Só e Morena Boca de Ouro. João ainda gravaria Isto Aqui o que É, Aquarela do Brasil, Maria, No Tabuleiro da Baiana, Na Baixa do Sapateiro e Pra Machucar Meu Coração, todas de Ary*

Como vice-presidente social do Flamengo, em 1960, promoveu eventos culturais na sede da Gávea. Continuava na boate Fred's e nas transmissões esportivas. Mas o destaque do ano foi a vitória no festival As 10 Mais Lindas Canções de Amor, do programa *Noite de Gala*, com a *Canção em Tom Maior*.

Brasília fazia seu primeiro aniversário como capital, e Ary, junto com Ernani Filho, se apresentou na Casa do Candango. Depois, foi a São Paulo fazer o espetáculo *Samba, Humor e Fantasias*, mas a temporada teve que ser interrompida logo no começo, pois ele sentiu-se mal no hotel, ficando de cama durante 80 dias por complicações no fígado.

Com a melhora na saúde, reassumiu em 1963 o programa *Encontro com Ary*. No mesmo ano, a rua que dava acesso a sua casa no Leme foi batizada de Ladeira Ary Barroso. Em setembro, precisou se internar novamente, sendo liberado em dezembro para passar as festas de fim de ano com a família. Mas, no final de janeiro de 1964, a saúde se agravou, e ele foi para o hospital, em estado grave, falecendo em 9 de fevereiro, aos 60 anos, em pleno domingo de carnaval.

Depois de sua morte, o cantor Geraldo Cunha fez a primeira gravação da marcha *Rancho das Namoradas*, de Ary e Vinicius de Moraes (1964); Tom Jobim lançou sua versão de *Aquarela do Brasil*, no LP *Stone Flower* (1970); por iniciativa da Banda do Leme, foi inaugurado um busto de Ary no Leme (1974);

e, ainda na década de 1970, o jornalista Mário de Moraes lançou o livro *Recordações de Ary Barroso*, reunindo uma série de entrevistas da revista *O Cruzeiro*.

Em 1980, saiu o LP *Aquarela do Brasil*, de Gal Costa, com 12 regravações de composições de Ary, que, em 1988, foi tema do enredo *Aquarilha do Brasil*, da Escola de Samba União da Ilha do Governador. Nas décadas de 1990 e 2000, continuou sendo lembrado. Elizeth Cardoso lançou o LP *Ary Amoroso* (1991); o jornalista Sérgio Cabral escreveu a biografia *No Tempo de Ari Barroso*, em que explicou, na introdução, a opção por grafar o nome do biografado com i e não com y: “A defesa da nossa tão maltratada língua portuguesa é, de fato, mais importante do que a simples obediência a uma ortografia puramente cartorial”; e, entre 1993 e 1995, foi lançado o *Songbook Ary Barroso*.

Em 2002, *Aquarela do Brasil* foi eleita “a música do século”. No ano seguinte, quando ele faria 100 anos, foi inaugurada uma estátua sua (obra de Leo Santana), sentado à mesa em frente ao restaurante La Fiorentina. No teatro, *Aquarelas do Ary* (2007), dirigida por Joana Lebreiro; e o musical *Ary Barroso – Do Princípio ao Fim* (2013), com Diogo Vilela na direção e no papel principal, cantaram e cantaram a vida e a obra de nosso notável.



13. Ary, compositor, instrumentista, locutor esportivo, radialista, homem de televisão. Notável

# Créditos das imagens

---

## Gilberto Gil

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
2. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
3. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
4. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
5. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
6. In: BASUALDO, Carlos (org.). *Tropicália, uma Revolução na Cultura Brasileira (1967-1972)*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2007.
7. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
8. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
9. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
10. Logo e capa do disco: Wikimedia Commons
11. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
12. Divulgação WEA
13. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
14. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
15. Divulgação WEA
16. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim

## Milton Nascimento

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
2. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
3. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
4. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
5. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
6. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
7. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
8. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
9. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
10. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
11. Divulgação Polygram
12. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim

13. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim

14. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim

15. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim

## Gonzaguinha

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
2. In: ECHEVERRIA, Regina. *Gonzaguinha e Gonzagão, uma História Brasileira*. São Paulo: Editora Leya, 2012.
3. In: ECHEVERRIA, Regina. *Gonzaguinha e Gonzagão, uma História Brasileira*. São Paulo: Editora Leya, 2012.
4. Acervo Museu Fonográfico Luiz Gonzaga de Campina Grande (PB) e jornalista Xico Nóbrega
5. In: ECHEVERRIA, Regina. *Gonzaguinha e Gonzagão, uma História Brasileira*. São Paulo: Editora Leya, 2012.
6. In: ECHEVERRIA, Regina. *Gonzaguinha e Gonzagão, uma História Brasileira*. São Paulo: Editora Leya, 2012.
7. [www.gonzaguinha.com.br](http://www.gonzaguinha.com.br)
8. Divulgação Odeon
9. Acervo Paulo Vanderley
10. In: ECHEVERRIA, Regina. *Gonzaguinha e Gonzagão, uma História Brasileira*. São Paulo: Editora Leya, 2012.
11. In: ECHEVERRIA, Regina. *Gonzaguinha e Gonzagão, uma História Brasileira*. São Paulo: Editora Leya, 2012.
12. In: ECHEVERRIA, Regina. *Gonzaguinha e Gonzagão, uma História Brasileira*. São Paulo: Editora Leya, 2012.

## Dolores Duran

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Acervo Museu da Imagem e do Som
2. Acervo pessoal Maria Fernanda, filha de Dolores Duran / In: FAOUR, Rodrigo. *Dolores Duran, A Noite e as Canções de uma Mulher Fascinante*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.
3. In: FAOUR, Rodrigo. *Dolores Duran, A Noite e as Canções de uma Mulher Fascinante*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

4. In: FAOUR, Rodrigo. *Dolores Duran, A Noite e as Canções de uma Mulher Fascinante*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.
5. In: FAOUR, Rodrigo. *Dolores Duran, A Noite e as Canções de uma Mulher Fascinante*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.
6. In: FAOUR, Rodrigo. *Dolores Duran, A Noite e as Canções de uma Mulher Fascinante*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.
7. Divulgação Continental/Warner Music
8. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
9. In: FAOUR, Rodrigo. *Dolores Duran, A Noite e as Canções de uma Mulher Fascinante*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.
10. In: FAOUR, Rodrigo. *Dolores Duran, A Noite e as Canções de uma Mulher Fascinante*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.
11. In: FAOUR, Rodrigo. *Dolores Duran, A Noite e as Canções de uma Mulher Fascinante*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.
12. In: FAOUR, Rodrigo. *Dolores Duran, A Noite e as Canções de uma Mulher Fascinante*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.
13. In: FAOUR, Rodrigo. *Dolores Duran, A Noite e as Canções de uma Mulher Fascinante*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.
14. In: FAOUR, Rodrigo. *Dolores Duran, A Noite e as Canções de uma Mulher Fascinante*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.
15. Acervo pessoal Maria Fernanda
16. Divulgação Copacabana Discos
17. In: FAOUR, Rodrigo. *Dolores Duran, A Noite e as Canções de uma Mulher Fascinante*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.
18. In: FAOUR, Rodrigo. *Dolores Duran, A Noite e as Canções de uma Mulher Fascinante*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.
19. Divulgação Copacabana Discos
20. In: FAOUR, Rodrigo. *Dolores Duran, A Noite e as Canções de uma Mulher Fascinante*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.
21. Acervo pessoal Maria Fernanda
22. In: FAOUR, Rodrigo. *Dolores Duran, A Noite e as Canções de uma Mulher Fascinante*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.
23. Acervo pessoal Maria Fernanda
24. Divulgação Copacabana Discos
25. <http://www.tumblr.com/tagged/dolores-duran>

## Ary Barroso

Abertura do capítulo:  
Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Acervo família de Ary Barroso
2. Acervo família de Ary Barroso
3. Acervo família de Ary Barroso
4. Acervo família de Ary Barroso
5. <http://www.arybarroso.com.br>
6. Acervo família de Ary Barroso
7. Acervo família de Ary Barroso
8. Acervo família de Ary Barroso
9. Acervo família de Ary Barroso
10. Acervo Museu da Imagem e do Som
11. Acervo família de Ary Barroso
12. <http://olhosdorio.blogspot.com.br>
13. Acervo família de Ary Barroso

**Diretoria do Núcleo de  
Publicações e Impressos**

Regina Protasio

**Assessoria Editorial**

Denise das Chagas Leite

**Consultoria e Conteúdo**

Pedro Paulo Malta

**Redação e Edição**

Regina Protasio

**Colaboração**

Fernanda Fernandes

**Revisão**

Jorge Eduardo Machado

**Gerência de Pesquisa e Documentação**

Lucia Mendes

**Pesquisa**

Tônia Matosinhos

**Assessoria de Artes  
Gráficas e Animação**

Marcelo Salerno

**Gerência de Artes Gráficas**

Ana Cristina Lemos

**Projeto Gráfico**

Aloysio Neves

**Editoração, tratamento de imagens e  
montagens (abertura de capítulos)**

Daniel Nogueira

**Impressão:**

Ediouro Gráfica e Editora Ltda.

**Tiragem:**

5.600 exemplares

**Julho 2013**

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-60354-20-7



9 788560 354207

WWW.

WWW.

**MULTIRIO - Empresa Municipal de Múltiplos Ltda.**

Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ • Brasil • CEP 22260-210  
Central de Atendimento ao Cidadão: 1746 • Fora do Rio: (21) 3460-1746 • Fax: (21) 2535-4424  
[www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br) • [ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br](mailto:ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br)